

Flávio Amaral

**SEITAS  
e GRUPOS**

**MANI  
PU  
DO  
RES**



**Aprenda a identificá-los**

*Prefácio Betty de Silberstein*

# Seitas e Grupos Manipuladores

*Aprenda a identificá-los*

Flávio Amaral

---

## ***Seitas e grupos manipuladores: aprenda a identificá-los***

Autor: Flávio Amaral

Prefácio e revisão: Betty Silberstein

Capa: André Castro

1ª edição (eletrônica): 2015

2ª edição revisada: 2019

3ª edição revisada: 2020

4ª edição revisada e gratuita: 2023

[Este e outros livros do autor estão disponíveis gratuitamente na plataforma [Archive.org](https://archive.org). É livre sua distribuição e reprodução. Toda contribuição no sentido de divulgar ou disponibilizá-lo em outros formatos é bem-vinda. É possível entrar em contato com o autor ou fazer doações via PIX pelo telefone (48)99105-3080 ou e-mail [flavio.ferreira.amaral@gmail.com](mailto:flavio.ferreira.amaral@gmail.com)]

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>6</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>IDENTIFICANDO UMA SEITA.....</b>	<b>18</b>
<b>O PRIMEIRO CONTATO.....</b>	<b>36</b>
<b>O ENVOLVIMENTO.....</b>	<b>48</b>
<b>O LÍDER SECTÁRIO.....</b>	<b>69</b>
<b>NÃO CONFUNDIR.....</b>	<b>83</b>
<b>COMBATENDO O PROBLEMA.....</b>	<b>94</b>
<b>EX-MEMBROS COM A PALAVRA.....</b>	<b>112</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>118</b>



*“Quando você encontrar as pessoas mais amigáveis que já conheceu, que lhe apresentem para o grupo mais afetuoso que você já encontrou, e achar o líder a pessoa mais inspiradora, cuidadosa, amorosa e compreensiva que já viu, e então descobrir que a causa do grupo é algo que você nunca ousou imaginar poder ser alcançada, e tudo isso parecer bom demais para ser verdade, **provavelmente é bom demais para ser verdade!** Não abandone sua educação, seus desejos e ambições, para seguir um arco-íris.”*

*Jeannie Mills (1939-1980)*

*ex-membro do People's Temple, de Jim Jones*

## **PREFÁCIO**

Como Flávio Amaral bem delineou neste magnífico e desafiador trabalho, nem sempre uma seita é um grupo que adora a Satanás, sacrifica animais e participa de rituais bizarros, pagãos, brutais, baseados em maldades. A bem da verdade, a maioria das seitas tem aparência bem inocente e não sacrifica bodes ou criancinhas em altares de pedra. É muito comum negar-se que este ou aquele grupo seja realmente uma seita, pois seus membros aparentam uma normalidade e uma bondade incríveis. Entretanto, a sociedade tem pouquíssimo conhecimento da infâmia que reveste boa parte destes grupos manipuladores.

Muitos membros de distintas seitas são “boas pessoas” que estão genuinamente buscando a Deus e genuinamente acreditam que ‘seus mentores’ conhecem a verdade. Todavia, não importa quão ‘boa’ uma seita (ou grupo sectário) seja. No final das contas... TODAS são perniciosas aos que pertencem a elas, causando danos muitas vezes irreversíveis, já que veladamente utilizam a coerção psicológica sobre seus membros para inibir sua capacidade de examinar a validade das presunções do líder e a seita sob seu comando. A coerção psicológica é matéria básica utilizada pelos líderes sectários na manipulação de pessoas.

Com essa problemática em mente, Flávio se esmerou nas buscas, pesquisas, definições, fornecendo elementos preciosos que fazem com que a importância deste livro vá bem além do seu título. Sobrepõe-se a descrições e conteúdo de seitas em geral, aprofundando-se em relações humanas, esboçando os vínculos destrutivos que afloram nestes grupos sectários, onde dependência e manipulação se

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

apresentam tão detestáveis quanto o proselitismo que rege a divulgação e difusão destes calhamaços de embustes, que são as seitas.

Boa leitura a todos!  
Betty Silberstein



## **APRESENTAÇÃO**

*Todos podemos nos enganar.* Sendo assim, todos podemos ser manipulados. Por isso, qualquer pessoa está sujeita a ser captada por alguma seita.

Seitas não procuram sujeitos com problemas psicológicos, predispostos a alucinações e “lavagens cerebrais”. Estes são improdutivos e causam imagem ruim aos visitantes. Pelo contrário, seitas querem indivíduos dinâmicos, com recursos para sustentar obra, motivados para expandir a organização e conquistar adeptos, idealistas o suficiente para o fazer em nome de uma causa e sem pedir nada em troca.

Assim como nos espetáculos de mágica, as seitas buscam desviar a sua atenção para longe de onde o verdadeiro truque acontece. Assim como no estelionato, as seitas procuram algo de interesse para atraí-lo e fazê-lo cooperar com elas. Assim como nas drogas, as seitas produzem alguma satisfação que o torne dependente, enquanto o fazem ver o mundo exterior de modo cada vez mais deprimente, para que você mesmo passe a defender o grupo que o acorrenta. É este complexo fenômeno que tentarei esclarecer.

Este livro é - antes de mais nada - um livro sobre *relações humanas*, voltado ao problema dos *vínculos destrutivos*, onde dependência e manipulação esgotam gradualmente as forças de uma das partes, que está na relação para servir a outra. Espero que a leitura forneça uma dose extra de inspiração ao leitor para compor relacionamentos baseados na autonomia e respeito mútuos, onde não haja parasitas nem parasitados, algozes ou vítimas. O livro também o ajudará a perceber problemas que possam existir em grupos não sectários e, neste caso, mais abertos a sugestões e críticas visando o aprimoramento.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Para quem acredita que seitas são um fenômeno religioso, é bom saber que há seitas de todos os tipos. Algumas são *antirreligiosas*; outras sequer entram no mérito da religião. Qualquer assunto serve de pretexto em torno do qual estes *lobos em pele de cordeiro* criam um discurso atraente para pessoas necessitadas. As religiões captam grande interesse popular e, por isso, são muito utilizadas como fachada de seus trabalhos. Mas outros assuntos também servem, por exemplo: negócios, desenvolvimento pessoal, psicoterapia, arte, esportes, filosofia, ciência, política etc. A seita bem-sucedida é aquela que consegue transmitir, ao público, a imagem de não ser uma.

Em paralelo a isso, muitos grupos benignos ou inofensivos são chamados de seitas, incorretamente, devido às campanhas difamatórias de seus concorrentes. Portanto, atenção, leitor, quando ler algo associando seitas a esta ou aquela crença, doutrina ou ideologia. Os grupos – assim como os indivíduos – devem ser julgados pelo que fazem, não pelo que acreditam. Do contrário, imitaremos costumes medievais ou regimes totalitários, onde pessoas são condenadas, perseguidas, mortas, por não compartilharem das mesmas crenças do grupo dominante. Um grupo sectário não se identifica por suas palavras mas *por seus atos*.

Procurarei mostrar que ações, fatos ou evidências os grupos destrutivos (manipuladores, autoritários, coercitivos) tendem a apresentar, de maneira que você possa identificá-los e não cair em suas tramas. Procurarei mostrar também os indícios que pessoas recrutadas por seitas apresentam, e formas de ajudar aqueles que escapam. No mais, não estou preocupado no que o grupo acredita ou suas preferências

doutrinárias. O que importa é diferenciar os grupos que praticam o bem, dos grupos com potenciais maléficos.

A maior parte das referências utilizadas estão em inglês ou espanhol. Espero, com isso, ter conseguido sintetizar um pouco do que os estudos acadêmicos internacionais oferecem, contribuindo para minimizar a carência que temos de informação na Língua Portuguesa. O conceito de seita não é muito utilizado ou problematizado entre os acadêmicos brasileiros, embora seja bastante comum em outras áreas do mundo.

Pessoalmente, não gosto da palavra *seita*, pois ela serve para retóricas estigmatizadoras. Em 99% dos casos, você encontrará esta palavra funcionando como um xingamento gratuito, que não esclarece como o grupo funciona. Claro que não precisamos ficar com receio de usar palavras. *Seita* é um termo didático, popular, de uso comum, e pode ser usado com a devida explicação e contextualização, para esclarecer o assunto.

Além do mais, xingamentos também são um recurso por meio do qual o ex-membro, vítima de abuso, exercita a própria agressividade. A maioria das pessoas que sofrem uma relação abusiva continuada passou por um processo gradativo de repressão, desaprendendo a se defender, se tornando uma presa mais fácil de exploradores. Neste contexto, xingar, chamar de seita, ofender, também faz parte do processo através do qual a vítima vai perdendo o medo de usar as próprias forças, enfrentar seus fantasmas e adversários reais.

Mas para fins de estudo, o melhor é não perguntar se tal grupo *é uma seita*, mas descobrir como ele funciona e se possui muito, pouco ou nada das características destrutivas apresentadas neste livro. E,

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

o que é mais difícil, como fazer para se defender de relações abusivas. Pois se engana quem acredita que basta evitar seitas para não sofrer abuso. Pessoas vulneráveis são manipuladas e exploradas em diversos contextos: familiares, comunitários, sociais, profissionais etc.

Da mesma forma que evitar um casamento infeliz não implica necessariamente separar-se, ou evitar ser assaltado na rua não implica em trancar-se em casa, meu objetivo não é exatamente que você *evite* envolvimento sectários mas que saiba se defender deles. A única maneira de ficar totalmente livre do sectarismo é isolar-se numa bolha, o que, ironicamente, seria o extremo do sectarismo. Somos uma sociedade cheia de contradições e conflitos de interesses. O único lugar onde todos vivem felizes para sempre são os contos de fadas.

Consequentemente, você não precisa necessariamente evitar determinado grupo. Entre o envolvimento sectário e a separação completa do grupo pode haver um leque de alternativas, a depender do contexto específico, das partes envolvidas e das estratégias possíveis.

Este livro é introdutório, com o propósito de divulgar e melhor esclarecer o assunto ao público brasileiro. Será um prazer responder suas dúvidas e receber críticas e sugestões para aprimorar futuras edições.

Florianópolis, 20 de outubro de 2020

Flávio Amaral

## INTRODUÇÃO

*O que é uma seita?*

Em primeiro lugar, “seita” é um *xingamento*. Isso mesmo! É uma palavra que, ao longo da história, ganhou conotação negativa e, por isso, se presta a finalidades ideológicas de difamação, estigmatização e proliferação de preconceitos. Sendo assim, quando alguém quiser convencê-lo de que tal grupo é “mau”, o classifica como seita.

Em consequência disso, o sentido original do termo se perdeu. Na etimologia, a palavra seita era utilizada para designar grupos que se separavam de um movimento maior (uma “secção”) e/ou que se unissem em torno de um líder (um “séquito”). Não há nada de errado nisso, portanto nada a princípio para se incriminar um grupo classificado como seita. Faz parte das dinâmicas humanas a formação de subgrupos dissidentes e a união em torno de um líder ou quem tenha autoridade sobre o assunto em questão.

Contudo, como é de se esperar, grupos dominantes ficam descontentes com a formação de subgrupos concorrentes e buscam, como podem, promover imagem negativa sobre estes. Para tanto, passaram a associar o termo *seita*, ao longo da História, a ideias perigosas e negativas.

Como resultado, muito material sobre seitas deixa de lado a descrição cuidadosa e honesta e se esforça para atacar e desmoralizar o grupo com o qual não tenha simpatia. Alguns textos sobre seitas parecem ter sido escritos sob medida para combater a “concorrência”, só faltando informarem que “se o grupo é liderado por um sujeito com nome Fulano de Tal e

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

tem sede na Rua Não Sei das Quantas, significa que é uma seita.”

### *Então por que usar a palavra **seita**?*

O principal motivo é que seita ainda é a palavra mais buscada pelas pessoas que querem compreender problemas sofridos em grupos autoritários. Por mais que a literatura popular sofra dos problemas descritos acima, há muito material de qualidade sobre as seitas.

A literatura acadêmica mais recente – principalmente nos EUA e Europa – tem preferido outras expressões a exemplo de *grupos manipuladores*, *grupos de exploração psicológica*, *grupos destrutivos*, *grupos de alto controle*. Entre pesquisadores brasileiros, algum material pode ser encontrado nos estudos de comunidades intencionais, comunidades de vida ou nas descrições específicas de certos grupos a exemplo de “igrejas caça-níquel”.

Entretanto, quero que você entenda que tais grupos não são destrutivos por “serem seitas” mas por determinadas características básicas. São características que podem estar presentes em grupos os quais ninguém chama de seitas. E são características que podem *não estar presentes* em grupos que Fulano ou Cicrano resolveram chamar de seitas.

Por isso, deste ponto em diante, quero que você se concentre nas características que irei explicar, não no rótulo *seita*. É conhecendo as características que podemos identificar uma relação destrutiva. Além disso, neste livro pretendo ajudá-lo a perceber as fragilidades normais da personalidade humana que

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

tornam qualquer pessoa um potencial candidato a ser seduzido e recrutado por um grupo manipulador.

### *Que características são essas?*

Basicamente você precisa estar atento a grupos que apresentam uma devoção excessiva a seu líder (um ou poucos). A devoção precisa ser grande o suficiente para que os membros, como padrão, não permitam espaço para discordância e reajam agressivamente quem discorde do líder.

Em acréscimo a isso, o grupo engendra um desinteresse e afastamento crescente dos demais envolvimento sociais, produzindo nos membros um enfraquecimento dos laços externos e uma dependência monopolizadora do membro ao grupo. A seita se torna não *um* projeto na vida do membro, mas *o* projeto de vida, *a razão de existir*, para ele.

A visão dos membros sobre o mundo exterior é bastante depreciativa, considerando-se portadores de alguma verdade que irá salvar a Humanidade. Os membros se percebem em uma missão e procuram recrutar pessoas para dentro do seio do grupo. O mundo exterior se torna cada vez mais desinteressante, a não ser como um local para buscar adeptos. O discurso de “*nós versus eles*” pode escalar para posturas destrutivas contra grupos externos.

Por fim, a saída do grupo é vista como algo condenável. Os laços de amizade e afeto entre o grupo e um ex-membro se rompem, como padrão. Frequentemente o ex-membro se torna alvo de calúnias do grupo. Esta postura é estimulada pela seita, para fazer com que a comunidade realmente se afaste e “*não se contamine*” com ideias discordantes, além de pressionar o ex-membro a sentir-se sozinho, ficar

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

calado, não denunciar abusos e, possivelmente, retornar ao grupo, como um cãozinho que sempre retorna ao dono, mesmo depois de levar uma surra.

*“Isso não acontece comigo”*

Ingressar numa seita não é algo reservado a indivíduos lunáticos e psicóticos. Pelo contrário, as seitas evitam pessoas transtornadas, menos capazes ou necessitadas, pois não são produtivas, lhes dão muito trabalho, pouco retorno e causam má impressão ao visitante. Seitas precisam de pessoas motivadas, ambiciosas, dispostas a trabalhar longas horas por um ideal sem pedir nada em troca. Precisam de quem tenha recursos suficientes para sustentar a causa. Precisam de quem aguente trabalhar sob pressão, mostre confiança e tenha carisma para conquistar adeptos. As seitas procuram nos cativar pois *precisam de nossas qualidades*.

A maioria dos membros não operam como "zumbis", sob "lavagem cerebral". Eles costumam ter alguma consciência, ainda que confusa, dos problemas existentes no grupo. Não é raro que, nos bastidores, tentem conversar sobre estes problemas. Uma das respostas frequentes é que "a doutrina é boa, mas o problema são as pessoas". Isso é uma meia verdade.

A doutrina das seitas normalmente é fraca, superficial, cheia de contradições, que não são aperfeiçoadas justamente pela pressão das hierarquias contra o questionamento e a liberdade de expressão.

Tampouco é verdade que "as pessoas" são "o problema". Muitas são pessoas dóceis e talvez este seja seu problema. Não encontram forças para discordar, ou sabem que se o fizerem correm risco de exclusão. Algumas são inexperientes com dinâmicas de grupo e



## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

acabam seguindo o fluxo. Elas estão lá por acreditarem na bondade humana, por quererem fortemente tornar o mundo um lugar melhor. Até mesmo o líder costuma acreditar em sua doutrina salvadora. Difícil é encontrar, numa seita, a pessoa com discurso abertamente egoísta, favorável a um mundo competitivo por exemplo.

A seita age de modo semelhante aos estelionatários. Geralmente procuram pessoas bondosas, inexperientes, que não estão dispostas a praticar maldades e também não suspeitam que possam ser vítimas de maldades.

É assim que o estelionatário explora algo que seja do seu interesse. Quando você menos espera, já está dando muito em troca, e não vê a promessa de retorno se concretizando. Enquanto o estelionatário for capaz de convencê-lo de ser seu aliado, ele terá conseguido perpetuar a relação manipuladora.

Caro leitor, experimente identificar, neste exato momento, o maior número de objetos que estão no seu campo visual. *Não vire a página antes de terminar.*

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Você se lembrou do seu nariz?

Espero que sim... mas a maioria das pessoas não lembra. Se você usa óculos, possivelmente também não lembrou deles. Tendemos a perceber o que foge à regra e ignorar o que se mantém constante. Vemos nossos narizes 100% do tempo e, por isso, neutralizamos a percepção de que eles existem.

Embora você não perceba seu nariz, seus amigos o percebem. Precisamos dos outros para mostrarem coisas às quais não estamos atentos. Igualmente, somos vítimas de manipuladores que exploram áreas em que estamos desatentos (a primeira lição de toda mágica é desviar a atenção do espectador para longe de onde o verdadeiro truque acontece).

Este livro é uma tentativa de chamar atenção para detalhes que podem passar despercebidos quando você toma contato com uma pessoa ou grupo que *aparenta* ser normal ou benevolente.

Neste ponto você já deve ter esquecido do seu nariz mas, quando perguntado novamente sobre o que vê, recordará da brincadeira. Espero que o mesmo aconteça com respeito à manipulação psicológica articulada pelas seitas. Não precisamos nos tornar paranoicos e resistentes a todo tipo de novo contato, movidos por uma desconfiança exagerada sobre tudo e todos. Basta conhecermos como funciona a manipulação para termos mais chances de identificá-la quando surgirem indícios.

*Não tente descobrir como a manipulação se parece pois uma boa manipulação se parece com algo bom e vantajoso. Preste atenção no que é solicitado de você dá e o que você recebe em troca.*

## **IDENTIFICANDO UMA SEITA**

### *Desfazendo estereótipos*

Ao ouvir a palavra *seita*, você pode formar uma imagem de grupos com rituais excêntricos e adoração de símbolos obscuros, pessoas zumbificadas ou fanatizadas, atuando de maneira secreta, talvez com uma agenda diabólica e oculta de conquistar poder político e espalhar doutrinas malignas.

Esses estereótipos nos fazem concentrar a atenção em esquisitices, desviando o foco do verdadeiro problema. Enquanto isso, grupos manipuladores circulam naturalmente na sociedade, com aparência inofensiva e benéfica, recrutando adeptos e conduzindo-os para uma espiral destrutiva de controle e dependência crescente, visando explorá-los.

É útil a analogia com as drogas. Você e eu podemos ter um estereótipo sobre quem é o traficante. Provavelmente imaginamos alguém diferente e ameaçador. Entretanto, não é assim que as drogas entram na vida do indivíduo. O fornecedor da substância precisa ser alguém com quem tenhamos alguma simpatia. Nosso primeiro contato com as drogas é através de pessoas iguais a nós ou, pelo menos, admiradas por nós. Se não fosse assim, recusaríamos.

São pessoas de quem buscamos proximidade, que nos acolhem como alguém especial por querer experimentar aquele tipo de substância. Apenas depois de se instalar a dependência é que a situação pode mudar, com o viciado passando a frequentar ambientes e se vincular a pessoas que rejeitaria inicialmente, se sujeitando a situações que até então consideraria

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

repugnantes (como, por exemplo, roubar dinheiro de um parente para comprar a droga, atacar pessoas que realmente o amam em defesa dos supostos “amigos” que fornecem o tóxico, etc).

O mesmo vale para as seitas. Semelhante às drogas, há seitas dos mais diversos tipos. Algumas vêm de outros contextos culturais e lhe causam curiosidade. Outras se formam em contextos iguais ao seu e, portanto, parecem apenas mais um grupo de pessoas comuns voltadas para uma causa interessante. Em resumo, assim como existem traficantes de drogas iguais a mim e a você, e narcóticos que parecem feitos sob medida para nós, *existem seitas que são simplesmente “a nossa cara”*. Por isso, não desconfiamos.

Conforme o momento existencial, a pessoa pode se sentir atraída por uma seita mais exótica ou mais convencional mas, de qualquer maneira, não irá se envolver com uma seita que pareça *ameaçadora* ou *fanática*.

*Mas então, o que é uma seita?*

Uma boa palavra para situar o assunto é *manipulação*. É em torno deste problema que nos concentraremos. É a manipulação que precisa ser combatida pois é ela que torna a seita potencialmente destrutiva.

A manipulação é uma forma específica de exploração na qual a parte explorada não percebe e, com frequência, colabora e defende o explorador.

A manipulação ocorre dentro de uma relação, à diferença do engano, que pode ser um fenômeno individual. Nós a encontramos em todo tipo de contexto social e, nós mesmos, quase certamente, já

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

manipulamos e fomos manipulados, ou seja, já obtivemos vantagens sobre alguém, sem seu conhecimento e em seu prejuízo, ou vice-versa.

A existência de manipulação, sozinha, não significa existência de uma seita. A manipulação pode ocorrer de maneira pontual, sendo exceção dentro de determinada relação ou busca por reparações. Neste ponto entra o diferencial das seitas. *Seitas são grupos configurados para perpetuar a manipulação*, ao passo que grupos saudáveis desenvolvem mecanismos para coibir atitudes manipuladoras.

A manipulação sectária se perpetua enquanto conseguir produzir *dependência* no membro. A seita faz com que o membro, cada vez mais, se desligue de vínculos alternativos, enfraquecendo outras alianças que tenha no mundo, tornando-se mais vulnerável e submisso à própria seita. Como nas drogas, quanto mais o indivíduo as utiliza, mais é destruído por elas, mais destrói seus laços sociais saudáveis, deprimindo-se ainda mais e procurando, novamente, a droga, para aplacar esta sensação. Torna-se um ciclo vicioso.

A dependência aumenta na medida em que a seita cativa o adepto através de um discurso *elitista*, caracterizando a si mesmo e suas ideias como superiores. Pessoas que experimentam carência de admiração em outros ambientes sociais acabam buscando, nas seitas, este alívio temporário para preencher a lacuna emocional.

Esse discurso é segregacionista, *sectário*, excessivamente crítico e desabonador a tudo que estiver fora do grupo e de seu campo ideológico. Com isso, produz-se forte *pertencimento coletivo* e desconfiança contra o diferente. Membros tratam seus pares como pessoas especiais e escolhidas, seus diferentes como inferiores, e veneram o líder de

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

maneira incondicional, como representante máximo da doutrina redentora. O recém-chegado em uma seita, que antes sentia-se como um Zé-ninguém, passa a se sentir grande.

Observe que esse tipo de relação pode ser formada onde quer que existam contatos humanos. *Não há um assunto ou doutrina específica que caracterize os grupos manipuladores.* Muito pelo contrário, a temática é secundária (e os primeiros a desrespeitarem a própria doutrina da seita são os líderes).

A literatura sobre o assunto mostra a existência destes grupos em todo tipo de recorte social. Dos setores mais carentes aos mais abastados; dos menos aos mais letrados; de cosmologias espiritualistas a materialistas; entre diversos setores profissionais, educacionais, artísticos, desportivos, políticos e religiosos. Seitas podem tomar a forma de grupos religiosos mas, também, artísticos, científicos, *coachings*, grupos comunitários, desportivos, educacionais, empresariais, familiares, filosóficos, políticos, terapêuticos e muitos outros.

A diferença entre grupos saudáveis e grupos manipuladores é semelhante à diferença entre uma alimento e uma droga, ou a diferença entre um relacionamento sadio e um relacionamento possessivo. Na primeira opção o indivíduo ainda tem escolhas e pode crescer para o mundo. Na segunda opção, o indivíduo se torna uma peça ou objeto que existe em função daquele elemento.

*Coisas têm defeitos. Pessoas têm defeitos. Grupos têm defeitos. Quando não há abertura para discuti-los, ou tudo é mostrado como se fosse maravilhoso e incomparável, algo está sendo escondido.*

*E quais são as seitas existentes?*

É impossível listar as seitas existentes. Seu número é estimado em milhares, ou dezenas de milhares, conforme o pesquisador ou a definição. Algumas são mais “famosas”, mais estudadas ou denunciadas. A maioria, no entanto, são grupos pequenos, desconhecidos, que não passam de poucas dezenas de participantes.

Muitas, pela destrutividade e instabilidade, têm vida curta – surgem, aparecem, desaparecem, sem que informações cheguem ao grande público. Outras se transformam ao longo do tempo, sendo que um grupo benevolente, hoje, pode se tornar uma seita amanhã e vice-versa. Além do mais, grandes seitas, quando começam a gerar desconfiança, criam departamentos de fachada para ocultarem a própria identidade. Outras se dividem em facções dissidentes, que podem ou não seguir um caminho sectário.

Assim como a violência doméstica, a exploração sectária é altamente privativa e reservada, difícil de ser mapeada. Quantas famílias ocultam uma realidade violenta sob a bela fachada externa e harmoniosa que exibem ao público? Impossível sabermos. Mas há famílias e casais que se comportam como seitas.

O controle das classes dominantes sobre a população também tem muita semelhança com o sectarismo, o que nos obriga a refletir sobre a universalidade das relações humanas de exploração e manipulação. Qualquer pessoa que tenha acesso aos núcleos de poder e disputas em torno do controle de alguma instância verá como estas relações operam. Elas apenas não ficam escancaradas ao grande público,

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

da mesma maneira como os conflitos dentro das seitas não chegam ao conhecimento do visitante sentado na última cadeira de uma palestra ou culto.

Meu objetivo é que, ao final deste livro, você esteja apto a identificar o fenômeno da manipulação em qualquer grupo e como ele chega até você.

A pressa por respostas curtas, prontas e mastigadas, rótulos para encaixarmos as coisas nas devidas “prateleiras” do que consumir ou não, é um dos motivos pelos quais nos tornamos alvos de grupos manipuladores. Eles entregam respostas simples, diretas e convincentes (*atraentes!*), nos cativam e seduzem pelo alívio imediato da inquietação que sentimos quando temos dúvidas.

Caro leitor, aprenda a conviver em paz com a dúvida e você será capaz de lançar dúvidas sobre grupos que parecem *bons demais para ser verdade*, observando atentamente suas virtudes e defeitos, para que não mergulhe cegamente em suas águas.

*Cultive a multiplicidade de perspectivas e vínculos para jamais direcionar a um único mestre ou doutrina a esperança de resolver dúvidas existenciais. Isso seria como sobreviver unicamente a base de arroz.*

*No que as seitas acreditam?*

O problema das seitas não está no que elas acreditam mas em suas práticas. Por sinal, as pessoas devem ser julgadas pelos seus atos, e não pelo que acreditam. Ou retornaremos aos regimes totalitários, onde cidadãos são perseguidos por não acreditarem na religião oficial, por terem outros deuses e outras crenças espirituais.



## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

As pessoas e grupos têm direito às crenças que bem entenderem, têm direito a admirar e seguir quem desejarem, têm direito de formarem subgrupos, séquitos e panelinhas, se assim quiserem, e cultuarem os símbolos e a estética que lhes forem convenientes. Enquanto os Direitos Humanos forem respeitados, nenhum indivíduo ou grupo merece ser estigmatizado, rotulado de seita. Sectário é quem acredita que sua própria crença é a verdadeira, redentora, e não admite que outros pensem de maneira diferente.

O foco deste livro está nas práticas grupais potencialmente destrutivas e não se o grupo entende o mundo desta ou daquela maneira. Da mesma forma que, ao julgar uma pessoa, não interessa sua religião, credos, rituais, filiação ideológica, mas as ações que pratica.

Julgar grupos pelas ideias que apresentam é como julgar uma pessoa pela roupa que veste. Ideias são a parte mais maleável da manifestação. As mais belas ideias podem disfarçar os piores sujeitos. O caminho do inferno precisa ser pavimentado com as mais belas joias para ser trilhado.

*Identificar uma seita à primeira vista nem sempre é fácil*

No contato com o público, as seitas evitam expor suas características mais problemáticas. Algumas usam grupos de fachada incumbidos do proselitismo e recrutamento, camuflados com denominações genéricas, para que apenas futuramente o participante seja apresentado à organização que está por trás de tudo.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Ao visitar uma seita você normalmente é bem recebido e sai com uma boa impressão. Conforme explicarei à frente, esta recepção frequentemente é sincera e não tem necessariamente a intenção de manipulá-lo.

Se você já for mais versado nos assuntos abordados pela doutrina, talvez ache inúmeras lacunas e inconsistências nas ideias apresentadas pela seita. Mas se não for um assunto de sua área, as seitas podem impressioná-lo com um bom discurso e convencê-lo a retornar.

Nem todas as seitas apresentam todas as características tratadas neste livro, embora é preciso que apresentem uma boa parte e com alguma intensidade e persistência. Não pretendo deixá-lo paranoico a ponto de ver seitas em tudo, generalizando o que pode ser apenas um problema pontual no estilo de liderança praticado por um grupo normal.

Seu contato inicial com uma seita é provavelmente com a parte mais periférica daquela comunidade. São indivíduos bem-intencionados e idealistas, com a intenção sincera de lhe ajudar. O que você dificilmente verá são os bastidores. Na dúvida, espere antes de iniciar um envolvimento mais permanente.

*Nem sempre uma recepção agradável é sinal de um clima organizacional agradável. O excesso de docilidade dos membros pode ser resultado de controle severo imposto pela liderança.*

*Seitas seguem um “mestre”, fundador e absoluto.*

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Um modo de identificar uma seita é através da forma como a liderança é praticada. Trata-se de um grupo que *serve a um líder*, ou seja, há claramente uma relação desequilibrada e potencialmente prejudicial ao liderado. O poder do líder não é adstrito a certa função ou tarefas, mas tende a transbordar para as demais esferas da vida do liderado.

O líder sectário é permanente, não tendo sido constituído por qualquer processo eletivo, democrático, ou que permita o revezamento de poder. Ele (em geral, do sexo masculino, embora também existam seitas lideradas por mulheres) não precisa se reportar a qualquer autoridade ou instância independente, como conselhos ou assembleias. Normalmente é o fundador do grupo ou sucessor que tomou a liderança após sua morte.

Não se trata simplesmente de um chefe autoritário. Se fosse apenas isso, estaríamos falando de *exploração*, onde os colaboradores insatisfeitos se mantêm calados para evitarem demissão. Numa seita, pelo contrário, o processo se perpetua na forma de manipulação. O líder sectário é um *mestre*, modelo a ser seguido e alcançado, guardião do grupo e da doutrina salvadora. Seus discípulos encaram suas manifestações como exemplos de sabedoria – por mais arbitrárias, explosivas e tirânicas que sejam. Os seguidores *querem* a proteção do líder e buscam o pertencimento ao grupo, a qualquer custo.

Na seita, a coletividade não tem consciência de estar lidando com um ditador disfarçado. Quando o líder é simplesmente explorador, estabelece o poder através da força e contra a vontade dos liderados. Quando o líder é manipulador – como ocorre nas seitas – os liderados defendem o líder e se voltam uns contra os outros em sua defesa.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

No aspecto ideológico, o líder costuma ser o fundador da doutrina, seu intérprete ou codificador, não havendo qualquer pessoa viva ou morta cujas ideias estejam à altura de oferecer algum contraponto ou regulação. Mesmo quando não haja uma doutrina codificada, o líder é o centro de referência intelectual e moral, para a definição do que é certo e errado, bom ou mau, melhor ou pior, belo ou feio, etc.

Em qualquer grupo é possível haver indivíduos ou facções que tentam conquistar um poder absoluto e inquestionável sobre todos. Em um grupo não sectário, essa postura seria vista de maneira condenável por uma boa parte, que tentaria excluir o usurpador. Em grupos sectários, do contrário, isto não acontece. O líder é considerado um ser superior, sendo desejável encontrar-se em tal posição. Ao invés de defenderem-se das arbitrariedades do líder, os discípulos defendem-se dos que o contrariam.

Mas atenção! O visitante novato não consegue identificar tão facilmente essas características. Em primeiro lugar, as seitas aprendem e se adaptam. Elas sabem muito bem disfarçar o que não causa boa impressão. Reservam o lado tirânico aos bastidores. Ao público, informarão que você é livre para cultivar sua própria verdade e para discordar. Se descobertos, dirão que as coisas já foram ruins mas agora o grupo está mais flexível, entre outras falácias para dissuadi-lo.

Em segundo lugar, um novato provavelmente não conseguirá ter acesso fácil ao líder, que já delegou a maior parte do trabalho de recrutamento e divulgação para os membros mais experientes. Consequentemente, talvez só venha a sentir na pele o estilo de liderança muito tempo depois de ter se tornado membro do grupo, já mais dependente e condescendente para aceitar as regras do jogo.

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

Recomendo adiar qualquer envolvimento até tomar melhor conhecimento sobre quem é o líder e sua relação com o grupo. Muitas seitas divulgam seus trabalhos na *internet*. Com alguma sorte você poderá encontrar fóruns ou declarações de ex-membros. Algumas características da liderança podem começar a ser identificadas através de investigações independentes.

O líder sectário costuma não ter um histórico de boa participação em outros grupos. Alguns parecem “surgidos do nada”. Embora aleguem um visionarismo fora de série, seu histórico parece ser autodidata, sem passagens por instituições prévias ou realizações anteriores. Outros podem ter um histórico obscuro e suas passagens por outros grupos terem sido conturbadas. Infelizmente o marco legal brasileiro é desfavorável à publicação de biografias independentes, comuns em outros países, que ajudariam a expor melhor quem são estas personalidades públicas.

O líder de uma seita não é apenas um cargo com responsabilidades determinadas. O líder é visto como um modelo de ser humano superior, com capacidade para ter a última palavra sobre qualquer dimensão da vida dos liderados. Não lidera apenas uma instituição específica; lidera a vida dos colaboradores.

*Seitas são elitistas, proselitistas, salvacionistas e paranoicas.*

O grupo é elitista, alegando para si mesmo um status especial em relação ao resto do mundo. Podem não se apresentar desta forma no primeiro contato, o que pareceria arrogante e afastaria a pessoa comum. Porém, o elitismo pode ser verificado indiretamente

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

pela ausência de referências a doutrinas externas, as quais costumam receber denominações pejorativas.

Os critérios de ingresso e progressão na organização são exclusivamente internos, ou seja, as credenciais e titulações universalmente reconhecidas pouco valem dentro da seita. Por isso, tampouco há espaço para colaborações com profissionais de fora. Ou seja, a seita atua como sendo a única portadora do conhecimento e da prática que a interessa, afundando-se numa espécie de “endogamia” cultural.

Não há duas (ou mais) correntes ou escolas dentro de uma doutrina sectária, como há nas doutrinas e práticas científicas, religiosas, filosóficas, artísticas, terapêuticas e profissionais abertas. Se houver doutrinas divergentes, estas são omitidas e a seita adota apenas uma vertente, considerada a *verdadeira*, que é informada pelo próprio líder. Este pode ser tratado como um grande gênio, que compilou o conhecimento humano existente em algo melhor, revolucionário, paradigmático, que torna obsoleto o que se fala fora daquele meio.

Esse elitismo isola ideologicamente o grupo, cada vez mais. Tendo apenas a si mesmo como parâmetro para testar a realidade, os participantes concluem que, de fato, *conhecem algo a mais*, uma espécie de revelação, a qual ninguém mais quer acessar. Acaba por se considerar o único grupo a ter encontrado o *caminho*, a forma correta de existir.

Além disso, sem referências externas, passam a recorrer cada vez mais ao líder para todo tipo de conselho. A seita deixa de ser *mais uma* forma de ver o mundo e toma a posição de *modo de vida* para o participante. A dedicação integral à seita se torna um ideal buscado pelo membro, com o mesmo ímpeto pelo

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

qual ele defenderia a própria existência. Uma vida que não seja *pela seita* não vale mais a pena ser vivida.

Por essa razão, se você possui um amigo dentro de uma seita, ele vai tentar “salvá-lo”, o que significa, trazê-lo para dentro do grupo. Ele não é propriamente um manipulador mas alguém que lhe estima muito. Proporcionar a você a oportunidade de fazer parte do grupo é o maior presente que ele pode lhe oferecer.

Além do mais, ele precisa de você *dentro* do grupo, pois cada vez mais se desvincula do mundo exterior, o que significa que a tendência é também perder o contato com você. O proselitismo, dentro da seita, também motivado por pressões financeiras e cobranças dos superiores, é algo espontâneo que o discípulo faz com seus melhores amigos, sendo um convite que pode soar tão normal quanto outros.

Elitismo por um lado - aparentando arrogância para o público de fora - e salvacionismo por outro, criam um potencial de animosidade muito grande contra as críticas. A presença do *diferente* se torna ameaça à existência da doutrina. O *outro*, visto como inferior, reage e critica a seita, o que apenas confirma, no seguidor, a sensação de não ser compreendido. Assim as seitas acabam produzindo uma trama onde o outro se torna um inimigo ou ameaça.

Os membros adotam uma mentalidade paranoica de *nós-contra-eles*, fazendo o possível para silenciar a crítica. Críticos externos são perseguidos ou ameaçados; críticos internos são repreendidos, ostracizados ou expulsos; ex-membros são considerados “perdidos” e estigmatizados, para que não lhes seja dada credibilidade.

*A seita produz mudanças repentinas na personalidade e socialização.*

Se você conhece alguém que se envolveu com uma seita, provavelmente perceberá mudanças estranhamente rápidas em sua personalidade, atitudes e discursos. O mesmo ocorre com ex-membros, que mais ou menos rapidamente abandonam os traços adquiridos durante o convívio sectário. Em ambos os casos, a pessoa parece “mudada” de uma hora para outra. Estas mudanças padronizam o membro aos ideais do grupo e o afastam dos antigos vínculos sociais, como será explicado na próxima seção.

Modos de vestir e falar se transformam bruscamente. O mesmo ocorre com valores e posicionamentos filosóficos, religiosos, políticos e ideológicos. Atividades que o sujeito admirava se tornam desinteressantes. Os planos profissionais se modificam. Surgem opiniões novas e normalmente hipercríticas sobre diversas questões corriqueiras e até insignificantes, especialmente relacionadas ao policiamento dos comportamentos.

Algumas mudanças podem ser vistas com bons olhos pela família. Por exemplo, a pessoa tímida ou introvertida, ou superprotegida, passar a participar de atividades sociais (ligadas ao grupo, é claro); a pessoa antes desmotivada passa a ter uma agenda cheia (com afazeres do grupo); o rapaz até então desempregado pode conseguir um trabalho (graças ao apoio de algum colegas do grupo); pode-se largar cigarro, drogas, bebidas, ou mesmo mudar a dieta (em conformidade com a doutrina do grupo); e o aprendizado de novas ideias tende a despertar um gosto pelo estudo. O membro pode desenvolver habilidades novas, arrumar namorada (ligada ao grupo) e assim por diante.



## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

São mudanças aparentemente positivas que ajudam a legitimar o trabalho das seitas e conquistar a lealdade dos participantes, a um preço que ainda não é possível perceber. De uma hora para outra o membro pode trazer uma notícia inesperada à família, como uma viagem com o grupo para um retiro ou tarefa, sem especificar para onde vai e nem por quanto tempo estará ausente.

O novo membro apresenta redução gradual dos envolvimento prévios, notadamente com a família mas também, com amigos, colegas de estudo, envolvimento profissionais e outros. Começa a participar cada vez menos dos programas usuais e frequentar cada vez mais os programas promovidos pelo novo grupo que, em geral, é totalmente desconhecido e alheio ao antigo seio social. E não se trata de uma simples “tribo” passageira da qual o adolescente pode participar na turbulenta formação identitária ou como contestação ao núcleo familiar.

Forma-se o distanciamento afetivo, tornando-se cada vez mais indiferente à vida mundana em seu redor, manifestando nova visão de mundo e interesse em outra maneira de viver. A vida fora da seita vai gradualmente perdendo a graça. Começa-se a instalar um ciclo vicioso, lento e gradual, que culmina com o membro tendo apenas à seita como real fonte de satisfação. Mesmo uma pessoa divertida pode ir se tornando mais sóbria e até desagradável para seu círculo de convívio após entrar na seita, chegando a certos extremos onde é um praticante de extrema bondade e amizade com seus novos colegas, mas companhia deprimente e agressiva para os demais.

Embora possa tomar gosto por leituras e estudos, sua vida escolar ou profissional tende a ser colocada em segundo plano, substituídos pelos grandes objetivos

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

relacionados à seita de que faz parte. Esta questão é sempre problemática e merecedora de atenção, mesmo que não diga a respeito ao envolvimento com seitas, uma vez que os estudos e o trabalho estão ligados à integração do indivíduo na sociedade.

O participante de uma seita pode modificar o modo como administra o dinheiro, tornando-se até exageradamente preocupado em controlar as despesas embora, por outro lado, passe a efetuar gastos cada vez maiores com o grupo em questão.

Dados os vários fatores acima, se há uma vida conjugal prévia à seita, esta tende a se desgastar, a não ser que o cônjuge também se envolva. Seja pelas novas ideias e nova maneira de ser, pelos novos compromissos, pela maneira como a seita absorve o tempo, dinheiro e espaço mental do participante, pelas dificuldades de comunicação e entendimento, separações conjugais são comuns neste período, bem como novos laços de íntimos se iniciando repentinamente com uma pessoa totalmente nova, da seita, que agora é tida à conta de “alma gêmea”.

### *Seitas tendem à padronização da personalidade.*

Grupos manipuladores são, por definição, padronizantes. Dentro desses grupos, compartilham-se ideais, hábitos, costumes, linguagem que tendem a se tornar estranhas, diferentes, exóticas, para marcar a diferença com a sociedade da qual procuram se destacar.

Tendo o grupo como referência única e admirada, o membro passa a adotar os costumes do mesmo, que por sua vez derivam dos costumes ou determinações do líder. Como exemplo pode-se citar o modo de vestir.

Não é preciso instituir uma vestimenta obrigatória pois em qualquer grupo onde você quer ser aceito, você procura se vestir em conformidade. E tendo o líder como grande referência, todos acabam se inspirando nele para compor o vestuário.

A mudança no modo de falar também é percebida. Constituímos a todo momento nossa maneira de se expressar, com base nas referências que percebemos dos outros. No caso da seita, esta referência é o líder, vivo ou idealizado, e o grupo, como extensão desse líder. Por conseguinte, o membro logo passa a falar diferente, usando palavras, expressões, frases, trejeitos, entonações e até vícios de linguagem aprendidos com o mestre.

Podem-se utilizar, inclusive, construções semânticas e sintáticas estranhas à conversação - desde que empregadas pelo líder - uma vez que faz parte da ideologia sectária uma certa subversão da linguagem para fazer valer suas ideias. A fala parece artificial, cheia de respostas prontas e clichês comuns ao discurso do grupo.

As tentativas de diálogo se tornam frustrantes, onde o membro parece um robô, limitado às associações automáticas oferecidas pela doutrina. É daí que derivam expressões como *lavagem cerebral*. A impressão, para quem vê de fora, é de que lavaram as ideias antigas do cérebro da pessoa.

Esta padronização foi detectada inclusive em testes psicométricos. Ao entrar para uma seita verifica-se uma significativa mudança em direção a um perfil psicológico específico (que se assemelhe ao do líder), enquanto o ingresso em grupos não-uniformizadores não apresenta esse tipo de modificação unidirecional da personalidade.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

*A falta de padronização é o que se espera em organizações que valorizam as diferenças individuais e respeitam a diversidade.* Elas estimulam indivíduos a desenvolverem o melhor de si conforme seu temperamento e contexto social, ao invés de serem cópias de alguém. A uniformização de opiniões e modos de ser é uma das características visíveis das seitas.

As seitas dizem que respeitam as diferenças. Seus membros não percebem que valorizam, de fato, a conformidade. Elas tendem a produzir pessoas à imagem do líder e das normas e ideais grupais. Isto é uma das razões para os danos psicológicos, uma vez que os membros passam a se sentir culpados e menos admirados pelo que são, bem como pressionados para serem o que não são. Por isso, no médio prazo, membros tendem a desenvolver frustração, ansiedade e baixa autoestima.

## **O PRIMEIRO CONTATO**

*Ninguém quer entrar para uma seita.*

Uma coisa é certa: ninguém quer ingressar em uma seita, assim como ninguém quer iniciar uma relação onde seja manipulado. Esse tipo de avaliação é feito na terceira pessoa, ou na revisão do (ex-)adepto sobre o passado. Logo, para compreender a relação sectária, é preciso se colocar no lugar dos seus participantes.

A qualquer momento podemos olhar para nossa vida e a considerarmos sem sentido. Crescemos estudando para nos tornarmos trabalhadores e movimentarmos uma engrenagem econômica abstrata e impessoal. Se não formos bons estudantes, não conseguimos boa colocação profissional nem uma vida razoável (exceto se nascemos em berço de ouro). Se formos bons estudantes, tampouco isso garante sentimento de realização.

Quando adultos, montamos família e temos filhos. Ficamos com a impressão de o sentido da vida ser apenas servir à perpetuação da espécie. E mesmo quando nos conformamos com esta visão de mundo, viver continua sendo um privilégio dos poucos que conseguem posições melhores na frenética competição profissional e social. Tentamos reagir, individual e coletivamente, procurando alternativas a este (modo de ver o) mundo. Formamos grupos nos quais juntamos forças para construir uma vida mais significativa.

As seitas oferecerem respostas e caminhos. Respondem nossas aflições a nível afetivo e cognitivo (de modo paliativo mas eficiente, pois imediatista). A busca humana de integridade, harmonia, participação, realização, tão deixadas de lado em nossas vidas,

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

parecem mais próximas quando ingressamos em uma seita.

Por isso há certo consenso entre estudiosos não encontrando níveis de desequilíbrio mental, ou baixa escolaridade, maiores do que a média populacional, entre as pessoas que ingressam nas seitas. Do contrário, muitos são visionários, motivados, dedicados, cultos e críticos à sociedade em que vivem, alimentando forte desejo revolucionário e dispostos a se sacrificarem por uma causa. O membro sectário é alguém que consegue dar conta da vida frenética de exigências dentro destes grupos exploradores, os quais costumam se desinteressar por indivíduos fracos, desmotivados e improdutivos.

Paradoxalmente são esses indivíduos com ímpetos progressistas e libertários que – através de um processo sedutor – ingressam em grupos que funciona de modo conformista e conservador, à procura de alguma autoridade e aprovação que não experimentaram em outras condições oferecidas pela sociedade convencional.

*O indivíduo procura algo nobre quando se aproxima da seita.*

As seitas se apresentam como alternativa para muitos dramas humanos ou, pelo menos, para as pessoas que percebem que muitas coisas não andam bem com a sociedade onde vivemos. Enquanto a Humanidade se parece como uma grande comunidade desorganizada, grupos sectários aprenderam a defender suas causas e defenderem a si mesmos – como microestados ultranacionalistas sólidos contrapondo-se à nossa sociedade “líquida”.

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

Esses grupos oferecem alternativas de pertencimento e identidade coletiva. Eu e você, *Zés-ninguém* para o mundo, somos elogiados como peças importantes de projetos grandiosos.

As seitas dão respostas, sentidos e certezas, enquanto as grandes narrativas religiosas, científicas e políticas do mundo se tornam cada vez mais duvidosas e caídas no descrédito. As seitas dão prescrições simples e esperança para grandes questões da vida, enquanto a maioria dos pensadores se comportam como aristocratas, falam difícil e olham para o mundo do alto de uma torre de marfim.

Enquanto competimos freneticamente, brigamos entre vizinhos e desconfiamos de nossos líderes, as seitas se organizam como comunidades cooperativas guiadas por um líder protetor. E as seitas oferecem oportunidade de transcendência, proporcionando experiências espirituais acompanhadas de significado para seus participantes. Esse é o sentimento geral que faz uma pessoa envolver-se com uma seita.

*O recrutamento é mais espontâneo do que pensamos.*

Para o membro de uma seita, convencido de que seu grupo tem *o caminho* para uma existência melhor, o que ele mais deseja é que outros possam participar dessa empreitada. Assim, membros de seitas acabam naturalmente procurando outros potenciais seguidores, a começar pelo círculo social próximo. Os ambientes sectários tendem a admitir qualquer um que aceite as verdades do grupo.

Se você conheceu alguém que participa de uma seita, não deve demorar até que ele o convide para uma atividade. Nas primeiras trocas de simpatia e

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

afinidade, o membro sectário já começa a pensar na possibilidade de recrutá-lo. Neste período ele tenderá a manifestar um grande interesse por você. Assim como em uma pirâmide financeira, onde você tentaria chamar todos os amigos para participarem da atividade, nas seitas você busca recrutar o máximo de pessoas, embora os fins possam não ser comerciais, mas “espirituais” (no fundo, os fins são gregários, onde o membro da seita procura ampliar o tamanho do seu grupo de pertencimento).

Se o discípulo percebe-se incapaz de chamá-lo para o grupo, ele tende a perder o interesse, deixando de investir em você, convencido de que “não é seu momento”, esperançoso de que esse dia chegará. Caso você tenha questionado alguma contradição nas ideias que ele lhe apresentou, ele pode até utilizar isto como pretexto adicional para que você venha a conversar com outros membros mais experientes.

Caso você tenha apresentado várias contradições, ele pode se afastar ou se tornar agressivo, pois suas ideias o ameaçam. Mas enquanto isso não acontecer, os membros tendem a ser generosos, atenciosos e afetuosos no trabalho de recrutamento. Afinal, é como se estivessem lhe presenteando com uma oportunidade existencial única e magnífica. Além do mais, os membros anseiam por conseguirem trazer mais pessoas para repartir o trabalho extenuante ao qual estão submetidos.

Quanto mais autoritário o grupo, mais amorosos seus discípulos podem ser com pessoas de fora que lhes deem atenção. Quase como crianças vítimas de negligência familiar, que se apegam facilmente a qualquer um que lhes retribua algum afeto. Caso você tenha demonstrado alguma simpatia pelo grupo, você também se torna uma esperança para o membro (a



## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

insatisfação de trabalhar numa seita é tão comum que o recrutamento, mais do que um presente, tende a ser também um pedido de ajuda).

Quanto mais elitista o grupo, mais a sociedade lá fora é considerada inferior. Assim, também é uma surpresa gratificante para o discípulo conhecer alguém que os escute. Se você compreende a mensagem e ainda demonstra alguma empatia na discussão, você é considerado acima da média. Você não é apenas “mais um”, da “massa impensante”. Ao contrário! Para o membro, você está muito acima da multidão, é um dos eleitos para ajudar na importante missão de difundir a doutrina para a Humanidade.

Por esses motivos, durante o processo de recrutamento, você pode ser incrivelmente bajulado. Naturalmente, a reação normal de quem recebe uma gentileza é retribuir com gentileza. Por isso você pode até se comover nestes encontros iniciais com uma seita.

Esse é um dos motivos pelo qual a doutrina de uma seita pouco importa. A afinidade dos recém-chegados é muito mais emocional do que intelectual. Se os recém-chegados estiverem carentes de atenção, admiração, socialização, grande será a tendência de se apegarem ao grupo. A seita lhes dará uma satisfação psicológica que, até então, não experimentavam em suas vidas.

É como o “barato da droga”, que tende a cativar aqueles que tenham mais dificuldades de aliviar as próprias angústias existenciais por outras formas. E mesmo uma peia ou ressaca, na companhia de amigos, reforça a aliança da pessoa com o vício.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

*A adesão se assemelha ao problema da dependência das drogas.*

De maneira didática, o envolvimento das seitas pode ser comparado ao problema da dependência de drogas.

Se, por um lado, é um erro jogar sobre a vítima toda a responsabilidade sobre a manipulação que sofreu, também não se deve cair na fórmula simplista de que não haveria nada a conhecer sobre a vítima, uma vez que “todos podem ser captados”.

Nas drogas, importa conhecer como as substâncias funcionam (o efeito que produzem, a intensidade do vício, os danos psicofisiológicos etc) e os meios pelos quais elas se fazem disponíveis (as redes de comercialização). Mas é fundamental conhecer como funciona o contato inicial da vítima com a droga. Quais características do indivíduo o levam a aceitar ou recusar, procurar ou evitar certa substância? O que o leva a desistir da substância ou persistir no consumo após a primeira experimentação? Quais contextos existenciais são mais predisponentes ao contato com a droga? Os mesmos questionamentos podem ser feitos com relação às seitas.

Tanto no vício como no sectarismo, há um sujeito que colocou algo (a droga ou a seita) no centro principal da sua vida, que lhe proporciona um ganho imediato – redução do sofrimento que se manifesta em sua ausência – ao preço do colapso dos demais envolvimento e a submissão a este próprio objeto, *não sendo mais capaz de conduzir-se sem o suporte deste.*

Tal dependência poderia não se desenvolver caso o sujeito utilizasse (ou tivesse ao alcance) outros meios de lidar com a situação provocadora do sofrimento. Todavia, à diferença da droga, que pode ser claramente

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

ilegal e publicamente condenada, a seita é uma espécie de narcótico disfarçado de alimento, um grupo destrutivo com cara de grupo benevolente.

Como as drogas, as seitas atingem sociedades como a atual, caótica, insolidária, desumanizada, comodificada, mercantilizada, estressante, insegura, com laços familiares e comunitários enfraquecidos e baixa credibilidade à ideologias ou instituições que poderiam oferecer coesão social e esperança.

Funcionam como um refúgio e alternativa aos indivíduos menos adaptados (ou mais descontentes) com a vida “normal”, refúgio que os levará a perceber diferentemente o mundo e, gradualmente, cortar vínculos com este. Indivíduos com dificuldades para lidar com as frustrações ou cumprir exigências externas acabam fazendo parte do grupo de risco.

Algumas seitas podem ter efeito fulminante e mortífero, como o *crack*. Outras, como o cigarro, conseguem dominar o usuário durante décadas, sem aniquilá-lo. Outras podem ser como o álcool: sua nocividade é catastrófica para alguns e insignificante para outros (levando-nos a supor que nem todo membro de uma seita é dependente, como nem todo bebedor de álcool é alcoólatra).

Quanto menos chamarem atenção para sua destrutividade, melhor, embora a influência destrutiva de ambas começa a ser sentida pela família, já no início, por exemplo, através do baixo rendimento escolar ou profissional do jovem, de certa agressividade e isolamento do núcleo social, e da mudança na personalidade. Iguais às drogas ilícitas, algumas seitas só podem atuar às escondidas; outras, com aparente inofensividade, podem circular abertamente à semelhança das drogas legalizadas.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

O usuário de drogas *parece* livre. É ele quem procura dinheiro e vai até o traficante. É ele, inclusive, a proteger seus fornecedores, se necessário. É ele a brigar com aqueles que tentam lhe afastar do vício. Tanto quanto o membro de seita parece fazer tudo por decisão própria.

O contato com seitas e drogas não é forçado e nem pode sê-lo. Ele precisa ser uma *oportunidade*. Drogas e seitas amarram seus dependentes com correntes invisíveis. A aparência livre permite, inclusive, atacar os críticos utilizando como pretexto a defesa da liberdade religiosa.

O entorno sectário é tão previsível quanto o das drogas - proporciona sensações gratificantes e imediatas, que afastam a depressão e o temor do fracasso. A sensação gratificante da seita é ter prescrições e caminhos dados e inequívocos, dentro dos quais o participante encontrará aceitação social e salvação espiritual. Mas a satisfação é uma utopia não alcançada e provocadora de mais ansiedade. Como o pote de ouro no fim do arco-íris, a seita envolve o membro numa busca ilusória e infinita.

A riqueza de estímulos e gratificações saudáveis diversificadas fortalece o indivíduo para que não precise procurar nas drogas (e nas seitas) a compensação que precisa para manter seu bem-estar. Se experimentar, dificilmente não irá gostar ou dar continuidade. Pois é com a falta destes estímulos gratificantes diversos que qualquer nova experiência (proporcionada por uma atividade sectária ou um "barato" psicológico) tem efeito extraordinário e impactante.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

*Falar em “técnicas” de lavagem cerebral ou bombardeio afetivo não dá a melhor dimensão do processo.*

Como visto anteriormente, o acolhimento emocional que discípulos dedicam a recém-chegados não é, propriamente, uma técnica premeditada. Esse bombardeio afetivo (*love bombing*) é a reação natural de euforia por encontrarem pessoas que as aceitam e não se parecem com o estereótipo negativo que mantêm sobre o mundo.

A influência emocional para unir pessoas atinge áreas cerebrais muito mais profundas do que a influência intelectual. Com o tempo, as incoerências do grupo podem ir aparecendo, mas parecem menos importantes do que o fato permanente de ser acolhido socialmente. Este é um dos aspectos mais marcantes de grupos sectários. A força que os torna tão unidos é também aquela que os separa da sociedade, produzindo dinâmicas destrutivas e manipuladoras ao aprisionar os membros em opções totalistas – “ou nós, ou eles” – e protecionistas – “quem não está por nós, está contra nós”.

A inserção do indivíduo na seita ocorre através do processo de socialização, muito mais do que por meios intelectuais, que imaginamos quando ouvimos expressões como “lavagem cerebral” ou “controle mental” (*mind control*). As ideias são aprendidas gradualmente, *através da* socialização.

Quando o grupo pensa de um modo, é anômalo pensar de outra maneira. É até uma questão *adaptativa* ajustar-se ao pensamento do grupo. Um membro que quer manter sua inserção em um grupo tende a desconsiderar ou menosprezar evidências contrárias às ideias consolidadas, pelo menos até o ponto de tais

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

ideias ficarem insustentáveis. Porém, até que isso aconteça, a tendência é ajustarmos nossas ideias ao consenso geral.

Nas seitas, como em qualquer lugar, se aplicam técnicas de convencimento, retórica, oratória e filtragem de informação. Mas as seitas bloqueiam-se contra sistemas de ideias paralelos e que possam confrontar o pensamento dominante. Num grupo aberto, a discordância e as diferenças são vistas como parte natural daquelas relações. Em um grupo sectário, a discordância e as diferenças são excluídas, dando espaço apenas aos que pensam em conformidade.

Membros de seitas tendem a dar menos importância às incoerências doutrinárias do grupo e concentram-se no pertencimento em si, de modo parecido com a proteção que você pode dedicar a um familiar, sem relação direta com as ideias ou comportamentos deste, mas sim com o fato de que vocês mantêm uma relação de proteção e acolhimento. Seitas são *grupos de pertencimento*, antes de serem um conjunto doutrinário.

Por estes mesmos motivos, quando o membro deixa uma seita, o faz normalmente por motivos emocionais e afetivos (desgaste, falta de apoio, decepção com o líder, ostracismo, expulsão entre outros), não exatamente por divergências intelectuais. Muitos, após anos longe da seita, continuam a considerar que “as ideias são boas, mas o problema estava nas pessoas”. Há até uma expressão comum de que “Fulano saiu da seita mas a seita não saiu dele.”

*Outras características que cativam a simpatia do visitante:*

Outras características também contribuem para conquistar a simpatia do visitante (LALICH; TOBIAS, 2006):

- 1) **Reciprocidade.** A promoção de uma imagem filantrópica – por exemplo, através de atividades e publicações gratuitas – gera, no interlocutor, um senso de dívida e retribuição. A exaltação do vínculo “voluntário” dos membros também produz efeito semelhante no público. Os “relatos” confessionais e testemuniais de membros predisõem os recém-chegados a uma abertura para compartilharem suas próprias vidas.
- 2) **Consistência.** Uma vez comprometidos com uma pequena demanda, temos maior predisposição para nos comprometermos com uma demanda maior. Seitas são habilidosas para conquistarem o comprometimento dos simpatizantes, pouco a pouco. Por exemplo: primeiro, uma seita argumentaria sobre os problemas da Humanidade, para depois apresentar suas soluções; uma vez simpatizando com esta proposta inicial, você terá mais predisposição a aceitar colaborar com seus trabalhos; após o ingresso, você acreditará estar “no caminho” e mais propenso a aceitar determinados sacrifícios dos quais não estava informado no início.
- 3) **Autoridade.** A promoção de determinada figura de autoridade, fundadora da doutrina, na condição de especialista no assunto, visionário, revolucionário, cria uma aura de credibilidade sobre o grupo. O visitante se sente mais seguro com *apenas uma* figura de autoridade, que alimentará a sua certeza de estar “no caminho certo”, ao contrário do que ocorre em grupos e contextos onde as lideranças políticas e ideológicas são múltiplas e se contrapõem (o reconhecimento de dois ou mais

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

caminhos significa *opção* e, conseqüentemente, dúvidas).

- 4) **Consenso.** A unanimidade, a liderança unilateral, o discurso “total” e diversos métodos aplicados para obter a concordância e submissão dos membros faz com que a imagem de consenso e concordância, dentro das seitas, seja muito maior do que em grupos onde há espaço para livre-pensamento e livre-manifestação. Essa unanimidade (artificial) aumenta o poder de persuasão da seita e o senso de segurança, ao recém-chegado, de que aquele deve ser um lugar coerente e harmônico.
- 5) **Raridade.** Ao se apresentarem como um grupo raro, ao contrário de organizações que se dedicam a práticas não-exclusivas, a seita induz o visitante à sensação de estar diante de uma oportunidade única, sem precedentes, imperdível.



## **O ENVOLVIMENTO**

*Produz-se o desinteresse pela vida fora da seita.*

De maneira geral, a situação “de risco” para alguém aderir a uma seita pode ser descrita pelas seguintes características:

1. estar em momento de crise pessoal;
2. estabelecer vínculos afetivos e/ou interação continuada com um ou mais adeptos;
3. manter poucas interações com pessoas externas à seita; e
4. haver afinidade entre a proposta da seita e os interesses do indivíduo.

Na seção anterior, descrevi o processo de “atração” do indivíduo para uma seita. A intensificação da atração leva ao que poderíamos chamar de “namoro”, que alguns estudiosos chamam de “captação”. Nesta fase, para além da afinidade, a seita passa a fazer parte dos interesses do indivíduo. Este ainda não é considerado um “membro” e não tem compromissos maiores com a seita (ainda não “casou”).

À semelhança de um namoro “muito apegado”, este período se manifesta pelo crescente desinteresse do indivíduo nos vínculos, atividades e projetos anteriores. Tal desinteresse não é uma simples postura exagerada do participante, mas uma tendência estimulada pela seita, suas ideias, discursos e atividades. Como se a “nova namorada” não se interessasse nas amizades, atividades e projetos do namorado que, pouco a pouco, os deixa de lado. Esta fase evolui até o ponto em que a seita se torna o centro insubstituível dos interesses do simpatizante.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Enquanto a primeira fase, de atração, se caracteriza pela satisfação emocional do contato com os participantes, a segunda fase, de captação, é marcada pela adesão às ideias do grupo. São ideias únicas, próprias à seita, que só podem ser resolvidas dentro do seu sistema de pensamento. O grupo cria as próprias definições do que é bom ou ruim, do que é saúde ou doença, e é para o grupo que se precisa recorrer na busca das soluções.

A centralidade da seita na vida do membro não é apenas accidental, mas uma espécie de monopolização da visão de mundo. Não é como o indivíduo excessivamente dedicado a um esporte, uma empresa, um ofício, mas que teria alternativas para exercê-las em outros lugares e outros grupos. A seita, pelo contrário, *não reconhece a existência de alternativas válidas fora dela* (talvez esta seja a definição mais sintética de sectarismo).

Nesta etapa, a seita já foi capaz de produzir não apenas a gratificação emocional inicial mas, também, uma insatisfação existencial, maior ou menor, cuja solução é dada pela própria seita, levando o indivíduo a sentir necessidade crescente da mesma. É como as etapas iniciais da dependência química. Na primeira etapa, o indivíduo gostou da sensação (alguns não passam desta fase); na segunda, ele já passa a querer a substância intensamente o suficiente para ir à sua procura.

Neste momento as mudanças no indivíduo começam a se fazer notar pelo seu círculo mais íntimo e, conforme a situação, já pode ser tarde demais. Este aprendiz já foi avisado que as pessoas “comuns” não o entenderão. Ele está convencido de que faz parte de um conjunto de indivíduos especiais. O “mundo lá fora”

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

já não lhe proporcionava grandes gratificações e agora se tornou desinteressante e secundário.

Se a seita era só um grupo interessante, agora tem as possibilidades motivadoras de trabalho e convivência frutífera. Ele já tem planos dentro do grupo, se espelha nos mais experientes e busca almejar melhores posições lá dentro. Críticos serão vistos como ameaça aos seus novos, motivantes e ambiciosos objetivos, e o farão reagir com agressividade e mais distanciamento.

### *O membro compromete-se com a seita.*

A terceira etapa envolve a “conversão” propriamente dita. É quando a pessoa se torna um membro, efetivamente. Isto significa assumir a identidade ou passar a *pertencer* à seita. Nesta fase, líder e superiores podem mais oficialmente cobrar-lhe determinadas posturas.

Na seita, o exercício da doutrina é visto como intimamente ligado à adesão ao grupo. À diferença de religiões abertas, onde você pode praticar a fé individualmente, visitando qualquer templo ou mesmo na sua casa, nas seitas (pseudo)religiosas, a fé legítima é praticada dentro daquele grupo e através de suas atividades. À diferença das ciências, por exemplo, cujo domínio é público, nas seitas (pseudo)científicas, a verdadeira pesquisa adere aos postulados do fundador. À diferença das psicoterapias, onde o objetivo é que o cliente se torne autônomo com respeito ao terapeuta, nas seitas (pseudo)terapêuticas o terapeuta é cada vez mais *o caminho*, e o encontro terapêutico se perpetua até se tornar um modo de vida. À diferença das empresas idôneas, onde o funcionário tem um conjunto

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

definido de obrigações e direitos, nas seitas empresariais o colaborador se vê aprisionado num sistema piramidal, acumulando prejuízos, enquanto escuta palestras motivacionais do líder visionário (e milionário), aprendendo que os fracassos são devidos à própria falta de comprometimento. À diferença de grupos que o fortalecem para a vida e para o mundo, as seitas se estruturam para que *elas próprias sejam o seu mundo e o seu modo de vida*.

A adesão começa a significar o início de um circuito de pequenas frustrações com a seita, a primeira sendo descobrir que a maior parte das tarefas consiste em realizar trabalhos comuns de baixa qualificação, que ajudem a manter economicamente a instituição.

O regime voluntário em uma seita parece, à primeira vista, com o de outras entidades filantrópicas, todavia, os fins são duvidosos. No assistencialismo social normal, o fim tende a ser mais concreto, como levar alimentos, donativos, alfabetização, serviços de saúde a comunidades carentes. Nas seitas, os fins tendem a ser mais abstratos e o concreto na atividade é difundir a própria doutrina para chamar novos adeptos. Uma assistência social correta é aquela que ajuda o assistido a conduzir sua vida sem precisar da assistência; na seita, muito pelo contrário, a dinâmica de trabalho é voltada para que o membro se sinta, cada vez mais, necessitado daquele serviço (cujo fornecimento é monopólio da seita).

Por exemplo, membros de uma seita podem ser instados a distribuírem brinquedos no Natal (talvez pagos do próprio bolso) em bairros carentes, quase como uma atividade de fachada, imediatista, que os mantenha ocupados e longe da família naquele momento e crie uma boa imagem institucional.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Entretanto, jamais uma seita se comprometeria com atividades filantrópicas mais qualificadas e de longa duração.

Outra diferença ocorre pelo fato de que a assistência social voluntária costuma ter como foco principal as parcelas de baixa renda, enquanto o grosso do trabalho voluntário supostamente assistencial das seitas se volta a pessoas que têm algum dinheiro, e procura fazê-las gastar com as atividades do grupo. Dificilmente uma seita se interessa por pessoas de poucos recursos, a não ser para recrutá-las para trabalhos menos qualificados dentro da organização, na manutenção ou divulgação.

Em nossa analogia sobre as drogas, nesta fase o usuário já está dependente, *a ponto de se submeter a atividades às quais não se sujeitaria, se fosse informado anteriormente*, ou se estivesse no real domínio da situação. É quando ele passa a gastar, com a droga, quantidades de recursos que já comprometem o próprio orçamento; comete furtos e submete-se a riscos para adquirir a substância. No extremo, se vê justificado até a utilizar de violência para proteger a droga que o domina. O aumento da agressividade contra críticas é uma característica comum de se perceber em pessoas dependentes (de drogas ou de seitas).

*Por fim, o membro se torna um perpetuador da seita.*

No quarto estágio, caracteriza-se o momento em que o membro se consolida como um divulgador da seita (educador, recrutador, doutrinador etc.)

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Eis que se completa o ciclo onde o explorado se converte, também, em semi-explorador, como o usuário de drogas quando acaba se tornando “mula”, servindo aos seus fornecedores, porém buscando também outras “vítimas” (clientes). Mas se nas drogas os participantes têm certa noção da posição manipuladora e contraventora na qual estão envolvidos (um usuário pode, por exemplo, não desejar que seus filhos e pessoas queridas usem a droga), nas seitas isso não acontece. O processo é visto como a realização do fim nobre, de difundir a mensagem redentora de um líder divino.

Os aspectos manipuladores e destrutivos de uma seita podem permanecer insuspeitados após muito tempo depois de o membro ter saído da mesma, ainda quando expulso e com a vida arruinada, tamanha é a crença de que estava agindo para uma causa nobre e humanitária.

No quarto estágio o membro já está relativamente ciente de que seu grupo está longe de ser o melhor dos mundos que prometia. Apesar disso, não é raro que ele possa representar melhorias em relação ao círculo social anterior. Gradativamente ele perceberá que não tem forças ou condições para mudar certas condutas viciosas do grupo. Seu comprometimento e dependência (ou medo) já se aprofundaram a ponto de preferir contentar-se com o que for possível fazer e encontrar racionalizações para justificar o que é desagradável. O grupo está convencido de que tal experimento coletivo vale a pena. Cabe ao membro acatar ou ir embora.

Com todos os defeitos, lhe resta torcer para que outros consigam melhorar as coisas e, enquanto isso, os críticos se calem. Expor os defeitos da seita para o grande público é temido, naturalmente, por ameaçar

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

estabilidade de uma comunidade na qual o membro deposita todas os esforços e esperanças. Eis por que, mesmo frustrado e mesmo que concorde com as críticas, o membro tende a defender a seita contra observadores externos.

*As seitas são ambiente ideal para a prática de abusos psicológicos.*

As seitas apresentam características que predispõem a prática de abusos psicológicos sobre os participantes. Elas podem ser classificadas em 6 categorias básicas (RODRÍGUEZ-CARBALLEIRA; ALMENDROS, 2009):

**Isolamento:** da família; dos amigos e da rede de apoio social; do trabalho, estudos e interesses; através da mudança do lugar de residência.

**Controle e manipulação da informação:** manipulação da informação e da linguagem.

**Controle da vida pessoal:** controle/abuso sobre as economias; monopólio das atividades e do uso do tempo; vigilância sobre comportamento; normas sobre relações afetivas e vida sexual; debilitação do estado psicofísico, devido ao cansaço ou má alimentação; prescrições sobre a existência e ideais de vida.

**Abuso emocional:** ativação direcionada de emoções positivas; repressão de emoções negativas; psicologização e patologização de discordâncias; exigência de entrega afetiva; intimidação ou ameaças; desprezo, humilhação ou rechaço; manipulação do sentimento de culpa; indução a condutas confessionais a respeito de

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

condutas, pensamentos ou sentimentos; outorga do perdão.

**Crenças absolutas e maniqueístas:** reconstrução negativa do próprio passado e da identidade prévia; ridicularização do pensamento crítico; exigência de identificação plena com a doutrina e da sua aplicação; imposição da doutrina para acima das pessoas e acima das leis; idealização do *endogrupo* e rejeição do *exogrupo*.

**Autoridade única e extraordinária:** imposição de uma autoridade absoluta; implantação da crença em qualidades especiais do líder.

O abuso psicológico (que pode ocorrer em todo tipo de contexto humano) aparece quando uma das partes *explora a vulnerabilidade da outra*. Alguns abusos são claramente psicológicos, enquanto outros podem ser de outra natureza (física, sexual etc.) mas gerarem danos psicológicos associados. Outros podem não causar maior impacto psicológico embora sejam nocivos do ponto de vista econômico ou jurídico (por exemplo, uma transação comercial desvantajosa).

Em um relacionamento mais longo, o abusador costuma testar os limites e vulnerabilidades da vítima e, conforme os ultrapassa, incrementa o abuso. Nesse processo, ambos se habituem e se adaptam, dia-a-dia, e, ao final, surpreendem-se com o fato de pequenas críticas e violações terem evoluído para a violência física, exploração econômica ou dominação sexual, por exemplo.

O que primeiro aparece em situações de abuso é a perda do **respeito** - da estima, consideração e cordialidade - pelo outro. Este respeito pode ser



observado em 4 dimensões básicas: *mente, autonomia, identidade, dignidade*.

**Mente.** Seres humanos buscam descobrir o que é verdadeiro e o que é bom, testando a realidade a todo instante. A manipulação psicológica, através do medo ou confusão, busca inibir esta busca, em favor das noções de bem/mal, belo/feio, verdadeiro/falso do manipulador. Uma relação respeitosa valoriza a condição mental íntegra que permite ao outro fazer escolhas baseadas em julgamento acurado e desimpedido.

**Autonomia.** Nossa possibilidade de escolhas está diretamente relacionada à extensão de nossa liberdade. Escolhas feitas sob ameaça, chantagem ou constrangimento não são, propriamente, escolhas. A relação respeitosa procura suscitar o mínimo de pressão sobre as escolhas do outro. A justificativa de que o outro indivíduo é incapaz de fazer boas escolhas é prerrogativa comum para tentar forçá-lo a “optar” na direção que o abusador considerada certo, violando o respeito à sua autonomia.

**Identidade.** Envolve a capacidade pessoal de olhar para si, definir-se, sentir-se íntegro na intimidade e integrado nas esferas coletivas. A identidade é violada quando o indivíduo vê sua existência em função dos objetivos de outro ser ou grupo. O respeito à identidade aparece no trato do outro como um ser único, não como alguém a ser rotulado. O respeito à individualidade não trata o outro como alguém a ser transformado, na direção de um conceito externo do que é bom ou verdadeiro.

**Dignidade.** É o estado de sentir-se valorizado como é direito de qualquer ser humano. Este sentimento

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

se quebra quando os papéis grupais se transformam em hierarquias nas quais o topo é considerado melhor - mais puro, ético e evoluído que a base. Neste caso, a pessoa tenta mudar *para se situar melhor na hierarquia do grupo* (não para perseguir uma vida mais íntegra). Contextos respeitadores da dignidade são mais incluídos e abertos a diferenças, menos patrulhadores, menos padronizadores, menos opressores quanto à expressão emocional e estética.

A submissão feminina é comum nas seitas, uma vez que a mulher tende a ser posta em condições de desvantagem e vulnerabilidade. Essa discriminação pode se manifestar na diferença de tarefas entre homens e mulheres, no patrulhamento do vestuário, poligamia do líder masculino. Uma vez que o sexo pode representar o controle máximo do corpo de outrem, e ser fonte de prazer instantânea nesses contextos estressantes, são comuns os relatos de abuso e exploração sexual dos mais fortes sobre os mais fracos.

### *Problemas sofridos por filhos de pais sectários:*

As seitas influenciam negativamente os pais na criação de filhos. De modo geral, estes pais apresentam perfis mais autoritários, ou mais negligentes, conforme o caso, e menos democráticos e afetuosos. Ao contrário de famílias “comuns” (não associadas a grupos ou crenças sectárias), podem-se destacar, frequentemente (RODRÍGUEZ, 2009b):

**Ambiente familiar:** propensão ao castigo e descumprimento dos direitos do menor; isolamento

ou culpabilização da criança. Mais vivências positivas em famílias sem filiação sectária.

**Relações extrafamiliares:** discrepância com estilos de vida cotidianos, conduzindo a maior limitação dos filhos. Filhos acabam se sentindo diferentes e estranhos com relação às crianças de fora da seita.

**Tomada de decisões:** tomada de decisões conforme preconiza a doutrina, sem busca de consenso entre os pais, nem consideração à opinião dos filhos.

**Repressão:** menos condutas estimuladoras, oscilando-se (conforme a família e a doutrina) entre posturas mais repressoras ou mais indiferentes. Menor liberdade dos filhos para sair com amigos ou se divertirem. Menor exposição a novidades e à diversidade cultural.

**Valores transmitidos:** famílias sem filiação transmitem valores mais positivos, reforçadores, de autonomia e socializações; famílias sectárias transmitem mais valores ligados a conformidade, rigidez e subordinação.

**Direitos:** mais descaso e violação dos direitos de manifestação, participação, apoio, formação integral, bem-estar e saúde.

**Diálogo:** mais estratégias coercitivas para obter o cumprimento das regras familiares. Famílias sem filiação sectária utilizam mais reflexão e diálogo.

**Prêmios e castigos:** menos prêmios e mais castigos.

**Vivências:** filhos de famílias pertencentes a um grupo sectário se sentem menos acompanhados, mais controlados e vigiados.

**Solução de problemas:** estes filhos apresentam maior frequência de condutas dependentes ou de

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

não-afrontamento na solução dos problemas pessoais. A procura de orientação na doutrina e nos dirigentes é comum, ao contrário de buscas de orientações com amigos ou na própria consciência.

**Medo e culpa:** mais situações cotidianas geradoras de medo de exclusão social, violar os padrões morais do grupo ou fracassar; maior tendência a autculpa.

**Socialização:** estes filhos apresentaram maior isolamento social e a socialização com pessoas de fora do grupo tende a ser de pior qualidade, desconfiada, dificultosa ou superficial.

**Perfil psicossocial:** maior propensão a experimentar insatisfação de vida e estados depressivos, ter um comportamento social passivo e adotar visões religiosas/transcendentes da realidade, tender à busca de reconhecimento externo (perfeccionismo ou exigência excessiva), menor tolerância à frustração e à ambiguidade.

**Segurança:** tendência, na idade adulta, de mostrar mais insegurança, dependência, retraimento social, com algum nível de pensamento mágico.

**Crenças:** maior dificuldade de abandonar ou alterar o sistema de crenças pessoais.

*Mais cedo ou mais tarde, a maioria abandona a seita.*

Cada saída é experiência única, influenciada por diferentes circunstâncias, que podem deixar sequelas de maior ou menor intensidade. Parece consensual, entre estudiosos, que a maioria dos membros acabará por abandonar a seita de pertencimento, mais cedo ou mais tarde. Entretanto, raramente a saída é algo trivial

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

e indiferente, sendo um divisor de águas na vida do indivíduo, assim como a entrada.

Alguns fatores podem precipitar a saída, entre eles, ter passado algum tempo longe do grupo. Este pode ser mais importante para a saída no caso de seitas que funcionam em regime de internato. Nos casos em que o isolamento do mundo é mais simbólico do que físico, outros fatores de ruptura são importantes, como a dedicação forte a um curso ou oportunidade profissional, que exijam do membro vivência maior com outros círculos culturais. De qualquer modo, o desenvolvimento de interações externas, fora do escopo da seita, ajudam a “dessectarizar” o membro.

Outro fator importante é a frustração continuada ao tentar alcançar as transformações preconizadas pelo grupo, decepcionando-se com as altas expectativas que se mantinham de início, colocando em dúvida a eficiência da doutrina. Em paralelo, acumulam-se percepções de inconsistências quanto à doutrina e às ações incoerentes dos líderes.

A maneira de saída de um grupo manipulador varia imensamente. A grande maioria deixa o grupo por conta própria. Algumas saídas são clandestinas. Outras são tão espontâneas que o ex-membro chega a se perguntar por que não saiu antes.

Na tentativa de desligar-se de uma seita, o membro pode se deparar com barreiras físicas (muros, vigilância, cárcere privado), comunitárias (exclusão, ostracização e estigmatização), psicológicas (os medos reais ou imaginários a respeito do novo mundo), econômicas (falta de recursos e trabalho), sociológicas (inexistência de vínculos sociais externos), geográficas entre outras.

Outras dificuldades comumente encontradas ao tentar deixar uma seita são (LALICH; TOBIAS, 2006):

**Autoimagem.** Após anos de envolvimento, o pensamento de ter se dedicado a uma farsa é estressante para a autoestima e autoconceito. A predisposição é encontrar racionalizações para justificar ou mascarar evidências, convencendo-se de que se está no caminho certo.

**Lealdade.** O desligamento é tratado, nas seitas, como uma quebra de comprometimento, uma falta de lealdade ou responsabilidade, um ato egoísta, insano ou impensado, ou qualquer outro tipo de rotulação negativa.

**Estigmatização.** Seitas desenvolvem discursos estigmatizadores sobre seus ex-membros, não hesitando em revelar todo tipo de informação desabonadora, ou mesmo inventá-las, para construir a imagem de um traidor herege ou com problemas mentais.

**Desconexão.** A saída representa desligar-se de pessoas com as quais se criaram laços de amizade, profissionais e até familiares. Discípulos que mantêm contato com ex-membros são vistos com desconfiança. Os participantes das seitas assistem isso acontecer com seus ex-colegas e intuem que o mesmo acontecerá com eles, caso saiam.

**Vínculos.** Os laços do membro com a sociedade encontram-se seriamente enfraquecidos. Em muitos casos, a entrada na seita provocou conflito direto com parentes, amigos íntimos ou colegas profissionais. Carreira profissional e estudos foram deixados em segundo plano. Reconstruir a vida “fora da seita” não há de ser fácil.

**Economias.** Seja por viverem em regime voluntário de internato, seja pelos gastos extenuantes com

atividades e doações, os ex-membros costumam sair do grupo sem reservas financeiras.

**Empregabilidade.** A maior parte do trabalho nas seitas costuma ser de baixa qualificação. Após décadas de participação, muitos membros se deparam com poucas perspectivas de conseguirem emprego fora da proteção da seita.

**Doutrinação.** O membro pode querer sair por estar desapontado com as pessoas (o autoritarismo dos superiores ou a complacência dos liderados), mas continuar admirando a doutrina em si. Porém, percebe que fora da seita não terá muito ambiente para trabalhar com estas ideias.

**Exaustão.** Muitos membros estão exaustos e estressados, seja pelo trabalho extenuante, seja pela pressão psicológica, não possuindo forças nem espaço mental para cogitar qualquer alternativa de desligamento ou estratégia de vida fora do grupo.

**Medo.** Discursos sectários engendram medo (ou ansiedade e apreensão) sobre quem sai. Seja nos testemunhos de quem saiu e depois retornou; seja nas profecias apocalípticas que estão para acontecer em breve, salvando apenas os membros; seja pelas recompensas oferecidas após a morte. A saída significa “trocar o certo pelo duvidoso”.

**Culpa.** Algumas seitas promovem comportamentos mais ou menos delituosos, contravenções, desvio/sonegação fiscal, violência etc. O membro pode ter participado de alguma atividade ilícita e permanecer protegido pelo grupo, mas temer que, ao sair, perca a proteção, seja descoberto ou denunciado em retaliação. Similarmente, a seita pode ameaçá-lo temendo que, ao sair, o ex-membro denuncie o grupo.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Outras saídas são consequência de expulsão. Ela pode ser direta ou como consequência indireta de estigmatizado e ostracização. Neste último caso, o membro vai sendo discriminado pelo grupo até o ponto em que não sinta mais espaço para permanecer ali. A expulsão significa algo vergonhoso e culpável.

O participante excluído não raro devotou-se inteiramente à seita por anos, investindo tempo, trabalho, dinheiro, bens, às custas da própria família, amigos, estudos, carreira profissional e outros projetos. O grupo era o sentido de sua vida. Seus colegas eram a família *verdadeira*. A expulsão, normalmente imposta de repente, é recebida como uma pena capital. É quase a negação da existência, uma vez que a ideologia do grupo configura o mundo exterior como um “não-mundo”, inferior, inválido, amaldiçoado, impuro.

Muitas vezes a expulsão arbitrária é seguida de oportunidades de “perdão” e retorno. Estes convites podem aparecer de maneira discreta, onde fica subentendido que o retorno é uma espécie de presente dos líderes, um ato de bondade para com o membro “pecador”. É uma forma de redimir os agressores de seu autoritarismo e confirmar a culpa da vítima.

Perdoado, o membro que retorna se torna ainda mais suscetível à manipulação coletiva, igual ao cão fiel que volta ao dono após receber uma surra. O ritual de perdão e retorno do membro expulso funciona como uma legitimação da relação autoritária.

De modo mais raro, a saída pode ser provocada pela perda do líder. Neste caso há comoção coletiva, podendo ser acompanhada de uma luta interna pelo poder, racionalizações e culpabilizações na tendência de dirimir a ansiedade pela perda da figura referencial, continuidade do grupo em graus maiores ou menores de radicalidade, ou a sua desarticulação e dissolução.



## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

Também ocorrem casos, menos frequentes, em que o membro é abandonado na frente de um hospital ou da residência de um familiar, quando em estado grave de saúde, antes que o grupo possa ser responsabilizado por negligência. Situações semelhantes podem ocorrer com moças que engravidam dentro de grupos mais fechados. Uma das surpresas comuns para os membros de uma seita é perceber que raramente o grupo se dispõe a ajudá-lo em momentos de dificuldade.

Há também estratégias de intervenção, normalmente solicitada por familiares com ajuda de profissionais, que auxiliem o membro a manter o senso crítico e evitar manipulação e perda de autonomia na seita. Denominadas de *Exit Counseling* (Aconselhamento de Saída), estas intervenções procuram não ser intrusivas nem forçadas, mas voltarem-se ao diálogo e à compreensão, para que o membro, *se e quando desejar* sair do grupo, consiga fazê-lo, bem como fortaleça-se para a nova vida que o aguarda. Embora sejam comuns nos EUA e Europa, esta área ainda não está desenvolvida no Brasil.

### *Questionário para membros de qualquer grupo:*

O questionário a seguir ajuda o indivíduo a avaliar os grupos dos quais participa. São questões muitas vezes difíceis de serem percebidas por quem vê de fora, mas comuns de serem sentidas por quem está inserido em organizações sectárias:

**Incoerências.** Ao ingressar, o grupo parecia  *muito bom para ser verdade*. Com o passar do tempo você começa a encontrar incongruências sérias entre os discursos e as ações. Em conversas privadas você

percebe que outros membros também têm críticas mas parecem não ter meios para mudar a situação. Racionalizações são feitas no sentido de responsabilizar as pessoas, individualmente, e manter intactas as lideranças e as bases da doutrina.

**Liberdade.** Você acreditava ingressar em um grupo *libertário*, mas se desaponta com o conservadorismo manifestado pelos líderes e representantes. Não raro você tem a impressão de estar sempre sob vigilância, pisando em ovos, precisando tomar cuidado para não desagradar os superiores, que agem de maneira repressora. Liberdade de expressão está longe de ser uma característica do grupo.

**Iniciativas.** Você ingressou estimulado por um discurso segundo o qual as possibilidades, no grupo, eram *infinitas*, graças à doutrina, que abria um horizonte amplo e novo para a Humanidade estagnada. Apesar disso, quando você apresenta propostas novas, iniciativas, ideias ou projetos, percebe que as mesmas não geram maior repercussão. O grupo parece mobilizar-se apenas para aquilo que manda o líder e para os trabalhos de sempre, que basicamente dizem respeito a divulgar a doutrina, levantar recursos e captar adeptos, tarefas burocráticas ou manutenção das instalações.

**Pessoas.** Você se sentia instigado e motivado ao ver o líder discursando sobre como aquele grupo era formado pelos componentes mais elevados da humanidade, parte de uma geração genial e revolucionária. Para sua decepção, boa parte destas pessoas lhe parece, na maior parte do tempo, perdida, sem cultura, criatividade nem esperanças, sem trazer maiores contribuições ao “grandioso

projeto". Você se assusta com certos atos desequilibrados e incoerentes destes seres supostamente especiais.

**Amizades.** Os demais membros do grupo eram tidos como suas amizades reais. Era uma espécie de "família cósmica" que transcendia os laços consanguíneos ou outros vínculos humanos. Algumas dessas pessoas se tornaram grandes amigos, aparentemente. Mas ao se afastar do grupo, vocês perdem o contato. Seus superiores passam a contar as histórias mais macabras sobre quem se afastou. Isso lhe deixava intrigado, pois as mesmas pessoas que outrora eram maravilhosas e geniais, de uma hora para outra são retratadas como problemáticas. Ao mesmo tempo, você é grato por seus superiores compartilharem tais "segredos" com você, sem desconfiar que é tudo parte da estratégia manipuladora de isolar o ex-membro.

**Senso crítico.** Todos falavam sobre o *senso crítico* que vigorava no grupo, contra qualquer tipo de manipulação. Apesar disso, você observa que os líderes não aplicam a si mesmos sequer 1% do rigor crítico que investem contra os demais. A autoestima dos participantes costuma ser baixa, pois a cada dia descobrem novos defeitos pessoais e erros cometidos, apontados pelos superiores.

**Paz e amor.** Você entrou em um grupo que prometia paz de espírito, não-violência, amor fraternal entre todos. Apesar disso, o clima de trabalho é péssimo. Você estranha condutas que parecem exageradamente agressivas por parte dos superiores, reprimendas arbitrárias por qualquer motivo, fofocas contínuas e trapaças que ocorrem por baixo dos panos.

**Cultura geral.** Você era motivado pelo discurso generalista, que o incitava a estudar de tudo, conhecer o máximo, ampliar os próprios horizontes. Sem saber por quê, entretanto, conforme você se envolveu com as ideias, passou a se desinteressar por outros autores, que agora lhe parecem muito vazios, ingênuos ou enrolados, quando comparados às ideias do seu mestre.

**Democracia.** Você foi cativado pelas ideias democráticas, em defesa da liberdade de pensamento e expressão, supostamente praticadas naquele grupo. Mas é estranho como as atividades do grupo dão pouca abertura para isso. As discordâncias tendem a ser mal recebidas, ignoradas ou até punidas. Há uma blindagem às críticas, que invariavelmente se voltam contra o crítico, conforme o grupo reage para que você se sinta mal e envergonhado por não acatar o que vem de cima.

**Vida melhor.** Lhe diziam que sua vida iria melhorar. Entretanto, você percebe que as práticas e técnicas apresentadas pela doutrina não funcionam tão bem (embora acredite que a culpa seja sua, por não estar insistindo o suficiente). Muitos membros parecem exagerar suas experiências, quase como se quisessem legitimar a validade da presença no grupo, ou suprirem carências de admiração e autoafirmação.

**Felicidade.** A doutrina defendia o bem-estar humano e a busca da felicidade, mas envolveu você num emaranhado de ideias que complicam, incitam culpa e tabu até sobre a busca de pequenos prazeres, como o lazer descompromissado e a masturbação.

**Talentos.** Seus talentos e capacidades iriam aflorar, no grupo, de modo nunca antes imaginado - é o que lhe diziam. Mas o grupo parece demandá-lo, principalmente, para atividades monótonas, burocráticas, talvez até degradantes, ou extenuantes. Explicam-lhe que você deve consentir, pois faz parte do desenvolvimento pessoal, para aplacar-lhe o orgulho, entre outras desculpas.

**Mudança social.** Elogiavam-no por se tornar peça de uma grande mudança social. Contrariamente, sua vida social se resume, cada vez mais, às atividades do grupo. Caso deixasse o grupo neste momento, você provavelmente não seria um fator de mudança social, mas um “problema social”. Talvez não tivesse para onde ir, não tivesse amigos nem familiares próximos, nem boa empregabilidade ou dinheiro para se sustentar.

**Obrigatoriedade.** Lhe diziam que você não seria obrigado a nada e seria livre para sair a hora que desejasse. Estranhamente, hoje, você faz uma série de coisas para o grupo que não lhe interessam e que preferia não estar fazendo. Além do mais, a simples ideia de largar algum desses cargos lhe causa desconforto. Talvez se sinta culpado por estar “pensando só em si”. Talvez lhe cause medo escutar reprimendas dos seus superiores. Talvez por ser visto como egoísta por seus amigos. Nada parece ser realmente voluntário dentro deste grupo, após certo tempo de convivência.

## **O LÍDER SECTÁRIO**

*Líderes são parte essencial de uma seita, embora seja difícil estudá-los.*

A presença de um líder que centraliza a admiração dos liderados e acaba por conquistar autoridade e poder de mando sobre a vida dos mesmos, é parte constitutiva das seitas.

Embora o líder seja essencial (muito mais essencial do que este ou aquele discípulo específico), o estudo deste indivíduo tende a ser uma das tarefas mais difíceis na pesquisa sobre o assunto. Líderes sectários normalmente não estão dispostos a se expor e revelar documentos para pesquisadores ou jornalistas investigativos. Eles preferem manipular informações de maneira a produzirem uma versão idealizada da própria história e, mesmo quando não a fazem intencionalmente, sua autopercepção inflada faz com que discorram de modo bastante tendencioso sobre si mesmos e seu contexto.

A maneira defensiva e exclusivista de o grupo funcionar dificulta o pensamento crítico dos membros, a abertura de informações para estudiosos externos e a produção de versões alternativas ao discurso oficial da seita. Para dificultar a situação, quando o grupo ganha visibilidade e capta interesse público, o líder normalmente já se encontra estabelecido, protegido, menos acessível, e o trabalho de divulgação, conquista e recrutamento de novos membros já está largamente terceirizado a colaboradores, os quais também funcionam como um batalhão de choque para afastar pesquisadores suspeitos e abafar críticas.

Em todos os contextos exploratórios, é mais fácil estudar a vítima do que o algoz. Por este motivo,

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

muitos modelos psicológicos acabaram se concentrando em demasia na personalidade das vítimas, até o ponto de concluírem que era delas a responsabilidade de se colocarem no contexto vitimizador, para benefício do verdadeiro meliante.

Além do mais, é normal ao ser humano gregário alinhar-se à parte mais forte e excluir a mais frágil. Ainda possuímos muita tendência de culpabilizar a vítima (neste caso, o membro) e subestimarmos o papel do algoz (o líder explorador). A culpabilização da vítima funciona, também, como racionalização para não a termos defendido, não nos arriscarmos em sua defesa ou, ainda, para acreditarmos que estamos livres do mesmo tipo de vitimização (quando depositamos a causa na vítima, passamos a acreditar que não iremos dar as mesmas chances para o explorador).

### *Líderes sectários são carismáticos.*

Entenda-se como *carisma* uma espécie de força de atração quase irresistível de certas pessoas para conquistarem admiradores. Essa força pode ser consequência de uma ou mais qualidades pessoais. Uma personalidade carismática para alguns pode gerar repulsa ou indiferença para outros. Podem ser traços de personalidade extraordinários, ou modos e atitudes que inspirem fascínio e reverência.

Líderes sectários são habilidosos para monopolizar a devoção apaixonada e o entusiasmo, fazendo seus seguidores se desinteressarem por outros ideais convencionais. O carisma do líder faz com que este não precise recorrer à força física para conquistar a obediência, oferecida voluntariamente pelo admirador, que se sente honrado em servi-lo.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

O líder tem ciência do poder exercido sobre seus colaboradores e procura manter este magnetismo de várias maneiras, tais como discursos, textos e comunicações pessoais. Facilmente convence os discípulos de estarem participando de uma causa nobre e inovadora, que envolve mudança individual e social. Para conquistar a fidelidade, o líder alimenta esperanças, promessas e dá demonstrações de generosidade, de um lado, e joga com as insatisfações dos participantes, do outro, como quem coloca uma cenoura amarrada em frente ao burro para fazê-lo trabalhar ininterruptamente.

Líder e grupo retroalimentam autoestima e catarse, uns dos outros, reforçando cada vez mais a coesão coletiva. Isso torna o líder convencido de sua supremacia. Sendo um modelo, o líder passa a ser procurado para tudo. Passa a discorrer sobre tudo, e não mais sobre uma ou outra especialidade, conferindo à doutrina um caráter totalista, e a si mesmo uma autoridade universal, essencial e inigualável. Isso tende a atrair participantes jovens e entusiasmados com a capacidade deste líder para tratar sobre assuntos que suas figuras prévias de autoridade não dominavam. Os seguidores passam a buscar, na aproximação com o líder, uma esperança de se tornarem pessoas melhores e mais completas.

Líder e colaboradores experienciam, ao menos durante os estágios iniciais do grupo, o prazer da nova comunidade que construíram. Conforme o comprometimento aumenta, cresce a esperança de realmente terem encontrado *o caminho* para o aperfeiçoamento pessoal e social.

Passa-se a reforçar o caráter especial do grupo, concentrando-se em diferenças mínimas ou artificiais em relação a outros grupos e campos discursivos, para



## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

criar essa ilusão de excepcionalidade. Criam um jargão próprio e ressignificam palavras como forma de acreditarem que estão descobrindo coisas que ninguém jamais pensou. Assim, se isolam de outros campos e ideologias, intoxicando-se na própria doutrina, sem oxigenação, sem diálogos e intercâmbios com pensadores externos.

*Líderes possuem traços de personalidades socialmente destrutivos, como o narcisismo.*

Líderes sectários são frequentemente referenciados, na literatura especializada, como portadores de perfis que integram uma base psicopatológica delirante de tipo grandioso (DSM-IV, 297.1) que pode vir associada com um transtorno de personalidade de tipo narcisista (DSM-IV, 301.81) e/ou paranoide (DSM-IV, 301.0) (RODRÍGUEZ, 2009b, p. 6).

O narcisismo ou grandiosidade transparecem no senso superestimado de valor próprio, poder, conhecimento, identidade, fama ou relação com o divino e sobrenatural. Exageram os próprios talentos e feitos para além da realidade, sendo comumente considerados arrogantes por observadores independentes.

Muitos líderes se apresentam como representantes diretos de entidades espirituais superiores e, conseqüentemente, situados um degrau acima das pessoas comuns. Este senso de superioridade pode ir se constituindo conforme a seita cresce e o líder angaria seguidores fragilizados, que lhe ajudam a inflar o ego enquanto suprem suas próprias carências de autoafirmação.

O líder narcisista se desaponta e reage agressivamente quando percebe que outros não lhe

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

atribuem o mesmo valor. Tende a não valorizar a contribuição dos demais; é comum vê-lo menosprezar pessoas publicamente reconhecidas como talentosas. Gosta de apresentar situações na qual “saiu por cima” ou “venceu” pessoas importantes. Por isso, tende a um isolamento no qual a manutenção da imagem grandiosa é mais importante do que os vínculos interpessoais.

O narcisista (homem ou mulher) pode compor relações potencializadoras com pessoas que acatem sua superioridade. Em retorno, elas receberão o reconhecimento deste quanto a serem especiais e únicas. Formar grupos sectários pode ser, inclusive, uma estratégia adaptativa desse indivíduo para combater o isolamento ao qual está permanentemente sujeito. Por isso, o narcisista pode se tornar bastante cativante, distribuindo facilmente galanteios e elogios lisonjeiros a qualquer pessoa, para obter em retorno a admiração e atenção que buscam.

Nessa idealização mútua está uma semente destrutiva da relação. Caso a pessoa desaponte um narcisista, estará sujeita ao seu menosprezo arrogante e rejeição explosiva. Colaboradores que lhe prestaram serviços incansáveis por anos ou décadas são facilmente descartados com os piores rótulos.

Não por acaso, seitas possuem racionalizações para aceitarem os ímpetus agressivos do mestre como demonstração de sabedoria - comportamento que jamais admitem de outros membros. O narcisista não pode se mostrar magoado, ou seja, atingido em determinada fraqueza, portanto, reage através da raiva, desdém ou contra-ataque, que compromete menos sua supremacia.

Narcisistas acreditam serem alvos de grande admiração. Gostam de contar longas estórias e serem o

centro das atenções. Não são do tipo que se dilui na multidão, preferindo ter destaque, seja por aparência extravagante ou aglomerado de seguidores que trazem consigo. Seu senso de importância os faz explorar os demais, até de modo inconsciente. A sobrecarga de trabalho (incentivada por um discurso de dedicação máxima, cujo retorno é basicamente poder participar do “grande feito” deste idealizador extraordinário) é uma das características das seitas.

Sentimentos, desejos e necessidades alheias são vistas, pelo líder, como fraquezas. Não por acaso, tal tendência aparece no discurso das seitas, na maneira crítica ou desdenhosa como tratam as demandas individuais dos colaboradores.

É comum a este perfil uma desconfiança paranoica com respeito aos demais e o sentimento exagerado de ser alvo da incompreensão. Isso dificulta a interação com estes indivíduos. A desconfiança pode explicar, em parte, por que muitas seitas desenvolvem discursos críticos aos profissionais da saúde, preferindo desenvolver suas próprias maneiras de cuidar do corpo e da mente dos discípulos.

Líderes exploradores tomam dos demais o que bem entenderem, por acreditarem que sua causa está acima das necessidades alheias. O que estes líderes primeiro devoram são as doutrinas das quais se alimentam para construir sua própria escola. Enquanto pensadores não-sectários dialogam com outros autores consagrados, e participam ativamente dos espaços de construção do conhecimento, os líderes sectários são “predadores”. Seu projeto (ou a forma de confirmarem a própria autoimagem) é nada menos do que se imporem como corifeus do conhecimento máximo e, para isso, devoram (no duplo sentido) outras doutrinas - plagiando-as, se necessário - até o ponto de

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

precisarem destruí-las (por meio da negação, crítica, rejeição ou mera indiferença), para que não sobrem vestígios que ameacem o monopólio e supremacia do seu discurso.

O discernimento entre certo e errado muda completamente de termos quando se trata de algo que interesse ao líder sectário. Soberano política e ideologicamente sobre o grupo, convencido por si e pelos seguidores de ser o porta-voz da revelação mais elevada, protegido dos olhares externos, segue uma ética própria, que manipula para seu interesse próprio.

Nas seitas, líderes e liderados estão sujeitos a pesos e medidas diferentes no que tange aos deveres, direitos e punições, e o topo da pirâmide não está sujeito aos mesmos sacrifícios que frequentemente impõe aos súditos.

À diferença do sádico (que tem prazer com o sofrimento alheio) e do sociopata (que tem prazer em transgredir limites morais), o narcisista não pode destruir sua vítima, pois precisa dela para suprir sua carência de autoafirmação. Por isso, a violência do narcisista é velada, silenciosa e mais sutil. A vítima precisa ser mantida, mas enfraquecida, para não oferecer ameaça à superioridade do explorador.

Nesse ponto, ela aceita pequenos gestos de afeto em troca de uma postura devota e submissa. A vítima fica confusa, percebendo que o narcisista não tem intenções de lhe fazer mal, mas sentindo-se cada vez mais vulnerável. No caso das seitas, esta confusão se evidencia na retórica ambígua, onde gestos são considerados ora nobres, ora desprezíveis, ora prova de amor, ora prova de fraqueza, sempre no sentido de defender a atitude do líder narcisista e depreciar o comportamento dos liderados (ou elogiar sua resignação).

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

Ao enfrentar o narcisista, a vítima apenas deteriora a relação, o que a faz mudar de estratégia, acreditando que, com mais paciência e dedicação, poderá transformar a relação desgastante em uma relação satisfatória. Tanto nas seitas quanto em outras relações destrutivas, a vítima se coloca certos desafios. Sendo mais paciente na relação desgastante, ela acredita estar colocando sua força em prova. É uma oportunidade para este discípulo – com carências estruturais de autoafirmação – finalmente tentar se afirmar como alguém que conseguirá reverter uma relação destrutiva. Ledo engano! Neste movimento a vítima entra no jogo do narcisista. (MARTINS, 2009)

*A sociopatia é outro traço associado ao líder sectário.*

O segundo traço associado a estas personalidades é o antissocial – pessoa socialmente destrutiva, também chamado de sociopata ou psicopata (não confundir com a noção de pessoa tímida ou “caseira”, popularmente referida como antissocial).

Há neste perfil uma predisposição para violar normas sociais e desrespeitar os direitos alheios. Histórico de agressão na adolescência seria necessário para investigar um quadro psicopatológico completo. Inobstante, fortes características subclínicas da psicopatia podem estar presentes em líderes de grupos manipuladores.

Estes líderes exploram, para proveito próprio, a confiança, as esperanças e a dedicação de seus colaboradores. O quadro da psicopatia pode conter alguns traços narcisistas vistos acima, como o encanto (superficial e insincero), arrogância, insensibilidade, exploração e descaso com sentimentos alheios. Através

da promoção de sua benevolência, estes “lobos em pele de cordeiro” conquistam adeptos numa espécie de “corte” ou “galanteio”, até obterem, destes, dependência, submissão e obediência. A falta de empatia pode ajudar a explicar por que doutrinas sectárias possuem racionalizações para fazerem seus discípulos acatarem o sofrimento imposto dentro do grupo.

O padrão contraventor, violador de regras ou negligente com os demais, próprio do sociopata, o tornaria alvo provável de detenções, penalidades ou, no mínimo, de ostracismo familiar e comunitário. Já em um grupo que lhe dá proteção, estas violações e irresponsabilidades podem ser praticadas e permanecerem ocultas do grande público e dos órgãos fiscalizadores, tal qual ocorre na violência doméstica. A parte visível do trabalho sujo pode ser, inclusive, delegada a terceiros. O líder sectário sociopata obtém a satisfação que procura, na exploração dos membros, protegido por um ambiente controlado, onde sabe que não será denunciado. Na formação de uma doutrina própria, as seitas conseguem elaborar racionalizações para negar a culpabilidade do líder e, assim, acolher a ausência de remorso presente em perfis sociopatas.

Um histórico conturbado de inadaptação familiar e escolar, instabilidade profissional e conjugal, inconstância, brigas, fugas, trapaças costuma fazer parte da personalidade com transtorno antissocial. Podem se sentir estimulados por situações de risco, agressividade e irresponsabilidade. Aproximam-se do perfil *borderline*.

A liderança de um grupo de pertencimento pode servir, para estes indivíduos, como uma forma de “apagar o passado”, recomeçar uma nova história e engendrar alguma adaptação social. Por sinal, a história

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

destes líderes, prévia à fundação da seita, tende a ser obscura e modificada por eles. Dada a tendência a relacionamentos superficiais ou destrutivos, provavelmente não há antigos amigos que ainda o acompanhem (ou que se sintam à vontade para apresentar versões alternativas sobre esta pessoa). Estes líderes, apesar do histórico pomposo que divulgam sobre si, dificilmente têm “velhos amigos”, por assim dizer, o que é incomum em personalidades públicas de boa índole. Isso ocorre pois não alimentam relacionamentos (e comumente criam desafetos) com aqueles que não pretendem mais fazer parte do séquito.

*A personalidade destrutiva leva à competitividade entre os membros.*

A personalidade dominadora do líder o torna incapaz de conviver com a autonomia dos discípulos, e a forma de não os tratar em pé de igualdade é aproveitar oportunidades para fazer comentários desabonadores acerca destes. Uma simples pergunta, ação, ou mesmo o silêncio – enfim, qualquer coisa – pode ser pretexto para que o líder faça sua avaliação crítica sobre o membro. Discípulos sectários experimentam um estado permanente de apreensão e receio de serem escolhidos para tais demonstrações públicas humilhantes.

Isso leva à gradual ruína da personalidade real do liderado, que procura cada vez mais se conformar ao líder. Receber uma (rara) aprovação do comandante é um evento altamente esperado, no qual o liderado se sente útil, admirado e com destaque perante os colegas. A sobrevivência depende da confiança e

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

aprovação do líder e, para isso, membros procuram demonstrar lealdade e devoção incondicional. Tal problema é muito diferente do que ocorre em comunidades abertas, onde nossa autoestima não é tão dependente dos humores de um só indivíduo.

Isso deixa os discípulos menos motivados a defenderem seus colegas, quando são alvejados e injustiçados na seita. Expor-se gera risco de serem, também, rebaixados. Igualmente, tornam-se suscetíveis para acatarem ordens (ou adotar posturas) que possam prejudicar seus companheiros.

Para que os liderados gozem de posições melhores, eles precisam servir de tentáculos do líder, na manutenção da estrutura hierárquica e autoritária. Por isso, os membros de seitas se surpreendem quando seus próprios colegas (que tinham por amigos) passam a agir de modo excessivo e arbitrário uns contra os outros. Inveja e competição se tornam comuns. Laços de solidariedade entre membros são rompidos facilmente, deixando a base em estado de permanente desarticulação, dependente do líder, incapaz de apresentar algum contraponto a seu poder.

Qualquer aliança é absolutamente frágil entre membros dependentes de um líder sectário. A tensão permanente e o controle rígido empurra os membros a descarregarem suas frustrações sobre os mais vulneráveis.

*O líder nem sempre quer, conscientemente, criar uma seita.*

A seita, em muitos casos, não é um projeto intencional e calculado de manipulação, mas um resultado histórico, gradual, de uma gestão imatura que levou o grupo a ser como tal. De várias maneiras o



## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

criador de determinado projeto - a depender, em partes, de sua personalidade - pode conduzir a equipe no caminho do isolamento ideológico.

Basta, por exemplo, a dificuldade para lidar com ideias contrárias para que isso comece a acontecer. Esta dificuldade pode ser devida ao temperamento do líder mas também a outros fatores conjunturais. Por exemplo, dificuldades financeiras podem tornar os administradores altamente defensivos, fazê-los ocultar ou minorar as falhas e incoerências do grupo, engajarem-se em pequenas fraudes, fazer uma propaganda exagerada sobre o grupo para provocar boa imagem publicitária, tentar rebaixar outros grupos na tentativa de competir por seus membros.

Uma pressão como essa pode começar por motivos até banais, como o aumento de custos decorrentes da formalização do grupo, a estagnação do número de alunos e adeptos que frustre planos de crescimento, endividamento entre outros. Para equilibrar as contas, a seita pode depender de atividades paralelas, por exemplo, empreendimentos imobiliários, doações, alianças com políticos e empresários. Chegam até a pressionar seus membros para que lhes emprestem dinheiro, que talvez não consigam devolver futuramente.

A nova doutrina, que não impressiona pessoas mais versadas, consegue ser vendida como uma grande descoberta para pessoas leigas. Do contrário, a seita depende de mão-de-obra, sem conseguir remunerá-la devidamente, então procura recrutar seus simpatizantes de maneira voluntária. Acaba sendo uma força de trabalho pouco qualificada e pouco produtiva.

O voluntariado exige do membro trabalhar em duplo turno para poder se sustentar, numa rotina desgastante. Para evitar a frustração, é preciso

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

racionalizar sobre a grandiosidade da obra. O membro culpabiliza a si mesmo, e não à causa (grupo) sobre os fracassos. Sem espaço para pensar que talvez o “produto” que a seita oferece não seja tão bom, passa a envergonhar-se e, também, irritar-se com outros colaboradores.

A tensão pode gerar um ambiente hostil a iniciativas e afastar colaboradores mais entusiasmados. O clima juvenil e visionário da seita em seus primeiros momentos pode gradualmente dar lugar a uma dinâmica burocrática e tediosa.

Por ser, a doutrina, nada excepcional, seu potencial financeiro é pequeno. O grupo precisa depender do trabalho voluntário de seus membros e de um *marketing* cada vez mais agressivo. A crença na grandiosidade da obra e a pressão para vender cursos e recrutar mais membros faz com que os discípulos sejam insistentes na hora de vender seu produto, seja por telefone ou visitas de porta em porta.

Curiosamente, o trabalho voluntário pode provocar, no colaborador, um efeito psicológico importante (reforçado pelo discurso grupal): o membro passa a encarar a si mesmo como um grande doador (alguém altruísta, diferente da “sociedade egoísta”). Afinal de contas, é mais confortável para nossa autoimagem nos vermos como seres elevados, ao invés de refletirmos sobre se não estamos sendo iludidos ou explorados no que fazemos.

O grupo ganha uma faceta arrogante que, naturalmente, tentará ocultar dos recém-chegados, para manter uma boa imagem pública. Mas acaba sendo inevitável que a crítica - um fator essencial de câmbio e aperfeiçoamento social e individual - se transforma em vetor de isolamento e hostilidade

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Uma seita sem laços de cooperação externa, formado por iniciantes extremamente zelosos pelo andamento do trabalho, pode caminhar para se tornar ainda mais fechado.

Esse tipo de luta inquisitorial isola ainda mais a seita e seus membros. A relação de dependência aumenta. A falta (e rejeição) de outros especialistas transformam o líder numa referência única. E tudo isso confirma as profecias sectárias de que o grupo é alvo de injustiça do mundo exterior. Cada vez mais o grupo se sente como um pequeno conjunto de escolhidos, especiais, numa missão de salvamento pré-apocalipse.

Em síntese, várias dinâmicas coletivas podem evoluir, de maneira até acidental e descoordenada, para que um grupo se torne sectário. E não se surpreenda se descobrir esquisitices absurdas nas ideias e comportamentos dos seus componentes. Eles se moldaram lentamente ao longo de anos ou décadas.

## **NÃO CONFUNDIR**

*Seitas não são apenas “um grupo com problemas”.*

A primeira advertência é evitar tomar uma questão pontual como suficiente para formar o julgamento sobre algum grupo. Problemas apontados aqui, quando vistos isoladamente, podem estar presentes em contextos não sectários, em grupos benevolentes ou inofensivos, na condição de imperfeições (que podem ser corrigidas). Um chefe, por exemplo, que tenha um estilo mais centralizador; um participante que possa ficar mais deslumbrado e dependente; um grupo mais fechado que o normal; uma empresa que faça publicidade mais agressiva ou até enganosa – nada disso basta, isoladamente, para que se aponte um grupo como sectário. De modo análogo, a tosse, sozinha, não é suficiente para diagnosticar uma doença, podendo significar desde uma simples irritação até o sintoma de pneumonia.

A segunda advertência é não menosprezar o quadro geral, concentrando-se na ausência de aspectos pontuais, para negar o sectarismo em determinado grupo. Por exemplo, o líder sectário não precisa necessariamente apresentar um quadro de personalidade narcisista; um membro pode reagir de maneira mais deslumbrada, outro mais indiferente, outro mais agressivo, ao falar da seita à qual pertence; ex-membros podem ter níveis diferentes de sofrimento com respeito à saída da seita. Enfim, não espere que uma seita tenha *todas* as características aqui descritas, ou exatamente como estão descritas. Procure compreender o que é essencial.

Você pode também achar forte demais uma afirmação do tipo “seitas são elitistas, proselitistas,

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

salvacionistas e paranoicas”. Tratam-se de palavras sintéticas que, fora do contexto, não explicam nada. Por isso é necessário compreender o livro em seu conjunto e, na dúvida, entrar em contato com o autor ou consultar literatura adicional.

Na dúvida, observe o quanto seu grupo é receptivo ao pensamento divergente, às novas ideias e críticas. Se tiver dúvidas quanto a isso, já é um bom motivo para desconfiar, pois você pode estar participando de um grupo que não lhe quer como sujeito pensante, mas sim como mão-de-obra acrítica.

Pessoalmente, não considero tão interessante a tentativa de classificar grupos como *seitas* ou *não-seitas*. As coisas do mundo real não têm obrigação de se encaixarem nos conceitos que criamos para estudá-las. Nem por isso os conceitos perdem sua utilidade. Procure compreender as características que apresento neste livro, e ver o quanto cada uma delas pode ajudar a compreender certo grupo em questão. Não espere um conceito de seita com relação ao qual os grupos humanos **ou** se encaixam completamente, **ou** não se encaixam de maneira alguma.

*Seitas não são meros grupos “dissidentes” ou “heterodoxos”.*

Há uma tendência de discursos dominantes classificarem como seitas seus subgrupos contestadores e dissidentes. Defendo, pelo contrário, que a dissidência filosófica, religiosa, política, ideológica entre outras faz parte do desenvolvimento sociocultural humano. Combater esta dinâmica em si interessa apenas à manutenção de posições tradicionais e conservadoras.

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

Um grupo formado como facção dissidente de outro não será, necessariamente, sectário ou destrutivo. A dissidência faz parte do direito livre e universal de associação e desassociação. As facções dissidentes autênticas são formadas para poderem continuar atuantes na arena política com uma posição independente.

Usar o termo seita, nestes casos, de maneira gratuita, não passa de uma estratégia publicitária difamatória para tentar abafar e desacreditar concorrentes.

Embora as seitas apresentem discursos críticos à sociedade, elas evitam participar de esferas coletivas onde enfrentem opiniões contrárias. Suas manifestações ocorrem quase que invariavelmente em contextos onde não precisam debater com outras ideologias.

### *Seitas não devem ser confundidas com religiões.*

O conceito de seita é, como já comentei, muito associado à questão religiosa. Esta associação não é fortuita, uma vez que, historicamente, os grandes discursos e narrativas da Humanidade são religiosos e, portanto, a partir de suas instituições nasciam as rupturas, “secções” e “séquitos” (seitas).

Não devemos confundir causa e efeito. É verdade que a maioria das seitas seja religiosa, o que não significa que a religião seja a causa do sectarismo. Qualquer grupamento humano, para se manter coeso em torno de valores, moral, sentido de existência, desenvolve alguma religiosidade, alguma metafísica. É algo semelhante à linguagem, um fator de unificação e que permite o compartilhamento de ideias.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Em tese, uma pequena seita pode formar uma religiosidade totalmente original mas, quando falamos de grandes grupos, é natural que sua religiosidade adote grande parte dos componentes da religião predominante entre aquele povo. É previsível que a maioria das comunidades, no Brasil, inclusive as seitas, sejam de tradição cristã, tanto quanto é previsível que elas se comuniquem em português. Tão previsível quanto dizer que a maioria dos clubes desportivos brasileiros são de futebol, ou que a maioria das seitas no Extremo Oriente são budistas.

Com a Modernidade e a ascensão da Ciência como grande narrativa, a ideia de religião passa a ganhar conotação pejorativa, sendo associada ao “irracional”. Noções com: crenças, misticismo, espiritualidade, igrejas, seitas, cultos passam a serem vistas como manifestações da irracionalidade humana, que tornaria o indivíduo suscetível às manipulações analisadas neste livro.

Essa ideia não é popular, mas muito difundida pelas classes mais abastadas. Não é acidental que seitas mais elitistas acabem atraindo adeptos com base num discurso antirreligioso.

A briga no estilo *contra ou a favor* da religião falsifica o problema e desvia o foco do que realmente importa. Pessoas ateias, agnósticas e mesmo antirreligiosas também estão suscetíveis às manipulações sectárias, das quais pensam estar imunes. O “x” da questão está em como os grupos conduzem a vida comunitária.

A primeira marca diferenciadora entre a prática religiosa sectária ou não sectárias está no exercício da crença. A prática sectária de uma doutrina é aquela que só valida como autêntico o exercício da mesma dentro de seus domínios. A seita não reconhece,

desencoraja e vê com desconfiança a prática ou discussão pública da sua doutrina fora do âmbito institucional.

Não há também uma “teologia” ou debate, político ou doutrinário, nas seitas, como pode haver em religiões não sectárias. Isto ocorre porque, naquelas, toda diferença se resolve imediatamente em referência ao líder, que normalmente é o fundador da doutrina (ou seu sucessor), e principal figura decisória, automeada, absoluta, sem revezamento.

Uma seita, quando se diz religiosa, procura se diferenciar dos demais grupos que compartilham daquela religião. Por exemplo, uma “seita cristã” afirmaria ser a praticante do “verdadeiro cristianismo”. Cortam-se, portanto, interações ecumênicas entre seitas, como há entre fraternidades ou congregações religiosas abertas.

O proselitismo é mais intenso nas seitas do que no trabalho religioso normal. Este é um ponto de grande desconforto às religiões tradicionais, que acabam perdendo adeptos para grupos fortemente dedicados à captação de fiéis.

A evangelização religiosa tradicional (incluindo os cultos, campanhas educativas, catequização etc) se parece muito com um ato pedagógico, de ensino e transmissão da doutrina, onde a finalidade não é voltada à formação de novos apóstolos. Nas seitas, as atividades são fortemente marcadas por convites à participação cada vez mais intensos, assemelhando-se mais com um *recrutamento* do qual o conteúdo pedagógico é um simples meio.

Os eventos de religiões sectárias se parecem, cada vez menos, com atividades de ensino doutrinário ou confraternização, e cada vez mais com espetáculos



## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

comocionais onde vale quase tudo para captar um novo fiel ou fazê-lo desembolsar algum dinheiro.

De uma palestra você é convidado para um encontro, um curso, um retiro espiritual, e em seguida lhe é dito que você possui o “perfil” para se tornar um membro do grupo. Dentro do grupo, sentirá constante necessidade para chamar novos membros, e será convocado a escalar novos degraus ligados à capacidade de conquistar adeptos.

A doutrina em grupos sectários *tem a resposta*; nas religiões mais abertas, por sua vez, é preciso procurar a resposta. Ainda que esta seja uma forma também simplista de abordar o problema, a seita oferece menos espaço para dúvidas do que a participação religiosa aberta.

Religiões tendem a ser muito mais preocupadas com o divino e espiritual, enquanto as seitas se preocupam mais com os comportamentos e o mundo material. A visão de mundo de uma seita oferece fórmulas segundo as quais o crente se desenvolverá mais ao aliar-se ao grupo. É como se a seita descomplicasse a tarefa individual de formação psicológica, moral e intelectual, e formatasse o indivíduo de acordo com as fórmulas do líder sectário.

A conversa com um bom pensador religioso é muito mais rica em nuances e contrastes do que as falas prescritivas e robotizadas dos representantes sectários.

### *Seitas se diferem das “tribos” juvenis.*

A adolescência é marcada pela relativização ou contestação dos laços filiais e a busca de vinculações gregárias, extrafamiliares, como parte da formação da

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

própria identidade e individualidade. Muitos pais relatam que seus filhos, em pouco tempo, se tornaram “desconhecidos” na família e resistentes a interações. Os jovens passam a considerar que seus pais não lhes entendem. Encontram, em outros jovens, pilares de suporte com quem podem interagir e conversar. Gírias próprias, comportamentos, simbologias e modos de vestir são algumas das formas como procuram construir uma identidade, diferenciação e um senso de pertencimento no grupo.

Apesar destas semelhanças, é preciso observar algumas características que não estão presentes em tribos normais e inofensivas. Dentre elas destaca-se: o caráter centralizador, totalitário, absoluto da liderança sectária; a formação de uma doutrina própria e que passa a explicar todo o mundo simbólico dos participantes; o isolamento ou descaso do membro, não apenas com relação à família, mas a outros vínculos e obrigações sociais, como escola, trabalho e demais afazeres; a rivalidade radical em relação aos “de fora”; o recrutamento para as tarefas do grupo, extrapolando o simples ócio e lazer para incluir atividades de levantamento de recursos e exigências de obrigações e responsabilidades do membro; o caráter de “projeto de vida”, indo para muito além de um grupo passageiro de colegas; e presença de adultos e crianças em seus quadros, ao invés de uma faixa etária mais homogênea e própria das tribos adolescentes.

### *Diferença entre seitas psicoterapêuticas e terapias não-sectárias.*

Relações entre terapeuta e paciente são comumente exploradas por indivíduos mal-

intencionados, com fins de manipulação e dominação. A situação de fragilidade e dependência hierárquica do paciente o coloca em posição especialmente vulnerável para esse tipo de contexto.

Fato, infelizmente, é que muitas seitas tomam a forma de grupos terapêuticos, e vice-versa. *Settings* terapêuticos mal-estruturados podem desenvolver relações de dominação e submissão e discursos iguais às seitas. Grupos terapêuticos sectários apresentam ao menos algumas das características abaixo (BOLAND; LINDBLOOM, 1992):

Violações de confidencialidade; casos trazidos pelo paciente à terapia podem ser apresentados nas seções em grupo, ou discutidos entre os líderes da organização, ou mesmo utilizados para coerção e chantagem.

Violação da privacidade do paciente nos trabalhos em grupo, desde a omissão do terapeuta em assegurar o respeito do grupo à privacidade individual, até o extremo onde a vida do paciente é considerada aberta ao exame de todos.

A necessidade de o paciente sentir-se aceito pelo grupo é explorada pelo terapeuta, ao invés de desestimulada, tornando-o mais vulnerável à manipulação coletiva. A idealização do terapeuta estimulada, ao invés de trabalhada terapeuticamente.

Os papéis duais ou múltiplos não são evitados (por exemplo: terapeuta e paciente serem, também, colegas profissionais, de estudos, ou ter vínculos de amizade e vizinhança, ou mesmo vínculos sexuais). O relacionamento entre grupos de pacientes também é estimulado. No extremo, o grupo chega a desencorajar relacionamentos externos, ou vê-los como inferiores.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Há pouca abertura para discutir as práticas do terapeuta. Há pressão para abafar (ou “terapizar”) as discordâncias do paciente sobre o grupo. Clientes são estimulados a culparem a si mesmos pelos insucessos, protegendo terapia e terapeuta de qualquer responsabilidade.

Menor transparência sobre o funcionamento do trabalho. Consentimento inicial é tratado, de maneira não transparente, como sendo consentimento para outras etapas posteriores do “tratamento”, desconhecidas pelo cliente.

É rara a indicação de outros profissionais, e a terapia específica é quase um “cura-tudo”. O terapeuta vê a si mesmo como portador do “caminho verdadeiro” para a cura, enquanto outras terapias são rotuladas como inferiores.

Os clientes são estimulados a se tornarem terapeutas do grupo, sem necessidade de outras formações externas. Em outros casos, a terapia é usada como “pré-requisito” para fazer parte do quadro de colaboradores do grupo.

Ao invés da busca pela autodeterminação e autonomia, os problemas do grupo são ressignificados conforme a doutrina interna. Cultiva-se, em maior ou menor grau, ideais defendidos por esta e, conseqüentemente, perpetua-se o clima de vergonha (e fragilidade) por não se atingirem tais ideais.

Tendência ao isolamento social, com o predomínio crescente da socialização com o grupo de terapia. A intensidade com a qual os pacientes são estimulados a formarem novas relações no grupo de terapia, bem como a imporem novos padrões sobre si e sobre seus relacionamentos, contribui para o

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

colapso gradual da rede de relacionamentos externos do paciente.

Cobrança (monetária) não transparente. No extremo, há incentivo ao cliente recrutar novos pacientes, ou mesmo sentir-se responsável por ajudar a manter a viabilidade econômica da instituição. Interesses financeiros fazem com que terapeutas aceitem, indiscriminadamente, qualquer pessoa no seu grupo, mesmo aquelas que estejam além do escopo de sua competência.

Minimiza-se a contribuição de outros profissionais, outras escolas terapêuticas e técnicas. A formação estimulada é principalmente dentro do próprio grupo. Em alguns extremos, os profissionais são desencorajados ou mesmo proibidos de atuarem em outros campos terapêuticos ou trabalharem para outras instituições.

Cliente não é estimulado a ser independente do terapeuta. Mesmo que isso seja dito, mantém-se o clima de apreensão sobre deixar o grupo. A terapia vira uma espécie de “modo de vida”. Os que abandonam o grupo são vistos com condescendência ou mesmo pressionados a retornarem. Os terapeutas podem ser pressionados, pelos administradores, a manterem os pacientes.

Um trabalho terapêutico sério não deve conter qualquer das características acima.

### *O líder sectário se difere de outros tipos de líderes.*

O líder **não sectário** pode ser um “igual” a ocupar cargo mais ou menos temporário de liderança sobre determinada função, tarefa ou equipe. Por

exemplo, presidente de uma associação. Já o líder **sectário** possui uma função de liderança vitalícia. Sua autoridade é moral e se estende no passado e para o futuro. Além do mais, exerce influência abrangente sobre a vida dos seus liderados, sendo referência incomparável nas suas vidas.

O líder **não sectário** pode ser designado por um órgão superior, seja uma assembleia ou outros dirigentes. O líder **sectário** é autodesignado – pois não há instância humana superior a ele que o possa designar (ainda que reuniões *pro-forma* seja feitas para oficializar sua condição perante os órgãos fiscalizadores). Pode alegar ser o emissário ou intermediário de forças superiores e sobrenaturais, as quais, naturalmente, ele é o único a ter contato (talvez confirmado por discípulos que anseiem conquistar algum *status* no grupo).

O líder **não sectário** pode ser um chefe empregador, em uma relação demarcada, onde as partes têm direitos e deveres mútuos e, especialmente, em troca do trabalho, recebe-se uma remuneração justa. O líder **sectário** não tem funcionários, mas voluntários (quando muito, mal-remunerados), convencidos de que a honra de participarem do projeto grandioso é remuneração muito superior a qualquer retorno financeiro.

O líder **não sectário** tem autoridade moral ou técnica limitada ao escopo no qual é versado. Pode ser um professor, um mestre-prático, um tutor, um coordenador. Já o líder **sectário** tem autoridade moral ilimitada a qualquer tipo de assunto, respeitado e procurado para dar conselhos e pareceres sobre tudo. É habilidoso na oratória e, por ser, absoluto em seu grupo fechado, não é contestado. Entretanto, suas opiniões são bastante falhas e inconsistentes.

## **COMBATENDO O PROBLEMA**

*Conheço alguém envolvido com uma seita. O que posso fazer?*

De maneira geral, tendemos a pensar que o melhor auxílio ao membro de uma seita é removê-lo de lá. Infelizmente as coisas não são tão simples assim.

A remoção forçada (ou não) foi bastante utilizada nas décadas de 1970 e 1980, nos EUA - berço do combate às seitas. Ocorre que, naquela época, também as seitas possuíam métodos mais forçados de manter o membro preso a ela. Várias eram as comunidades que operavam numa espécie de cárcere privado. Vários eram os membros que tinham algum desejo de sair, mas não podiam. Operações de “resgate” eram articuladas por parentes ou com ajuda de outro ex-membro. Alguns “resgatados” não retornavam à seita mas outros se consideravam “sequestrados” e retornavam assim que possível.

Com o passar do tempo as seitas também se modificaram, adotando estratégias menos forçadas de manter seus membros dependentes e leais. Impedir que o membro mantenha contato com a seita é um motivo a mais para gerar animosidade neste, que verá seu círculo familiar original como repressor de suas liberdades de pensamento e locomoção. Por isso, estratégias forçadas de afastamento da seita passaram a sair de uso.

O primeiro auxílio que se pode dar a um membro é compreender e ter empatia pelos motivos que o fizeram engajar-se no grupo. O que ele procurava? O que lhe atraiu naquele grupo? O que ele não estava encontrando fora do grupo? Ele recebeu, da seita, alguma solidariedade que não obteve em outros

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

lugares? O que a seita oferece, hoje, que lhe é gratificante e estimulante? Não é preciso esconder do membro suas preocupações, mas é necessário ter em mente que tentar convencê-lo de se retirar produz efeito contrário, servindo de motivo adicional para reforçar o discurso sectário (as pessoas “de fora” não os compreendem). Em resumo, a primeira coisa a fazer é deixar o membro à vontade para conversar sobre o que vivencia na seita e aceitar que, enquanto este não manifeste sintoma de sofrimento, você não tem evidências concretas para tentar afastá-lo de lá.

Ao conversar com o membro de uma seita, logo você perceberá que as ideias da doutrina parecem girar em círculos. As linhas de raciocínio construídas pela ideologia sectária fazem conexões com outras ideias sectárias, infinitamente. Qualquer outra lógica é imediatamente ressignificada para o raciocínio sectário, à semelhança de uma “blindagem intelectual”, onde nada externo parece ser capaz de modificar as ideias do membro. O raciocínio sectário admite apenas que você se converta ou se afaste.

Por esse motivo, provavelmente é improdutivo tentar abordar o membro sectário pelo caminho intelectual ou ideológico, sendo mais indicado tentar conversar com a pessoa que ele “era”, antes de ingressar na seita. Sem o tom de crítica, mostre interesse em compreender, por exemplo, como que este ou aquele interesse mudaram; converse sobre a maneira como o membro costumava pensar antes, e como mudou de opiniões posteriormente, para saber o que o mesmo pensa disso. Faça estas diferenças entre as duas identidades (pré e pós-seita) virem à tona e discuta sobre esta dualidade (sem forçar).

O membro de uma seita tende a ressignificar o próprio passado como um período não muito bom. Com



*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

alguma sorte, você poderá encontrar abertura para conversar sobre algo que o fazia feliz ou infeliz. Alguma foto antiga ou outro objeto podem ser úteis nesse caso. Certamente o membro não irá querer voltar para o que ele era antes – e deve ter boas razões para isso. Mas se lembrará de experiências que lhe proporcionaram alegria e foram sendo abandonadas com o tempo, graças à seita.

*A tendência humana é culpar a vítima.*

Culpar ou responsabilizar a vítima é um mecanismo comum de racionalização através do qual o ser humano mantém um certo equilíbrio psíquico, de autoimagem. Entretanto, este mecanismo serve, coletivamente, para agravar a omissão sobre injustiças sociais. Biologicamente, unir-se a indivíduos mais fortes em detrimento dos mais fracos pode ser uma estratégia adaptativa, embora a parte “mais forte” possa seja um agressor em potencial. Seres simbólicos que somos, esta união também depende de mantermos certa concordância e racionalização a favor do agressor.

Além disso, se conseguirmos pensar que a vítima é responsável pelo sofrimento que lhe foi causado, a situamos como alguém diferente de nós mesmos. Nos sentimos mais seguros quando consideramos “saber onde a vítima errou”, acreditando assim que não cometeremos o mesmo erro. Do contrário, se julgarmos que o sofrimento da vítima foi causado por um agente externo, precisaremos arcar com a ansiedade de sabermos que também corremos risco. Por fim, culpabilizar a vítima também minimiza nossa própria culpa por não a termos ajudado, e racionaliza o fato de não nos arriscarmos a combater o agressor, sendo um

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

mecanismo psicológico de autopreservação. É muito mais seguro criticar a vítima do que o agressor.

Talvez a racionalização mais comum seja considerar que a pessoa fez uma escolha *livre* ao ingressar em um grupo abusivo, e portanto é responsável por aquilo que ocorre a ela. De fato, uma importante característica que diferencia os ambientes *manipulativos* dos ambientes visivelmente *coercitivos* é a fachada de liberdade que faz o participante tomar decisões sem a necessidade de força bruta. O argumento da “livre escolha” é tão falacioso quanto culpar o consumidor por ter escolhido um produto defeituoso na prateleira, ou ter sido vítima de propaganda enganosa. Um princípio básico das relações de consumo diz que *quanto mais errônea a informação prestada, menor a presunção de liberdade do cliente quanto à escolha do produto*.

*À semelhança das drogas, o entorno familiar e comunitário precisa ser trabalhado.*

Alguns autores são categóricos em afirmar que não se deve tentar recuperar um discípulo sectário sem antes trabalhar o equilíbrio do núcleo familiar ao qual ele pertence. Principalmente quando o desequilíbrio no meio familiar possa ter sido motivação importante da busca pela seita.

As intervenções devem ser pensadas no longo prazo (ao invés das tentativas imediatas de “resgatar” a pessoa). Importa criar ambiente favorável, onde o membro se sinta confortável nas visitas à família, já que cobranças acerca de seu envolvimento e seu futuro tendem a agravar sua resistência. Não é preciso esconder a preocupação ou fingir um entusiasmo com o

## *Seitas e grupos manipuladores, por Flávio Amaral*

envolvimento sectário, mas é necessário aceitar a liberdade de escolha desta pessoa.

Não raro o membro pode vir à família pedir dinheiro, o que precisa ser negado, a não ser que a família queira servir de suporte financeiro para que a situação se perpetue. O filho envolvido com a seita pode, de início, solicitar dinheiro para atividades do grupo, cursos, viagens etc. Ao perceber a recusa dos pais, poderá trazer outros motivos (empréstimos para pagar contas etc), ou recorrer a tios e avós. Nenhum destes motivos deve comover os parentes. Em situação financeira difícil o membro tende a ser “menos interessante” à seita, o que pode predispor sua saída e retorno ao círculo familiar.

No caso de seitas com grande voracidade econômica, interessadas em recrutar membros abastados, uma boa estratégia pode ser excluir oficialmente o discípulo do testamento familiar e comunicar a decisão aos responsáveis da seita. Em certos casos a seita pode perder o interesse na “vocação” (financeira) daquele membro.

*O primeiro remédio para o ex-membro é o repouso.*

Dentre os sintomas mais comuns acometendo ex-membros de seitas, estão os relacionados com a **depressão**, solidão, pensamentos suicidas, falta de perspectivas e objetivos, baixa autoconfiança entre outros. Também há forte predisposição à **ansiedade**, medo, pensamentos persecutórios ou paranoicos, disfunções do sono, fobia social, disfunções sexuais ou abuso de drogas, além da **vergonha** relacionada ao ostracismo, estigmatização e exclusão social.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Uma primeira recomendação a quem sofreu abuso psicológico de seitas e grupos totalitários é o *descanso*. Repousar, dar tempo a si mesmo, aliviar-se do senso de urgência por não estar trabalhando para alguma causa. *Tempo* e *espaço mental* são dois elementos que o ex-membro devotava ao grupo, dos quais precisará, agora, para si, até conseguir (re)compor uma identidade própria e não sectária, e (re)integrar-se a um novo contexto social. Esta tranquilidade para poder tornar-se dono da própria vida permitirá ao ex-membro (re)construir e (re)adaptar-se a ela, incluindo processar sentimentos complexos de perda e as dúvidas relacionadas ao presente e futuro.

Acostumado à centralidade decisória do líder e suas definições de certo e errado, o ex-membro pode ter dificuldades iniciais quanto a valores, ética, planos ou mesmo pequenas decisões cotidianas. É importante o apoio da família ou pessoas próximas, por exemplo, não forçando o ex-membro a fazer grandes escolhas logo de início. Este indivíduo pode ter se acostumado – por anos ou décadas – em um contexto onde precisava acatar decisões de superiores sem contestá-las, tinha um projeto de vida pré-programado vinculado à seita, e sentia-se ansioso na tomada de qualquer iniciativa, devido às constantes represálias. Convém ter calma nos planos pessoais, até reconquistar a confiança necessária para tomar decisões mais ousadas.

O membro pode ter perdido a noção de como várias coisas triviais funcionam. Por exemplo, acostumado a vestir-se conforme o padrão do grupo, pode não saber o que é melhor vestir atualmente. Ao invés de bombardeá-lo de palpites (que facilmente soam como críticas e remontam à vivência que experimentava diariamente dentro da seita), verifique se ele gostaria de sua ajuda. Questões como fazer um

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

currículo e procurar emprego, e outras habilidades sociais, conforme o tipo de grupo, também podem ter sido negligenciadas.

Socialização, ou mesmo terapias em grupo, talvez não sejam a melhor alternativa no primeiro momento, onde a prioridade básica do ex-membro é estabelecer um senso mínimo de segurança, sendo portanto melhor ter uma base de suporte menor e estruturada, onde possa contar com apoio inicial, antes de se preocupar com a diversidade de expectativas, papéis e demandas da convivência social.

Independente de como foi o desligamento, pode ocorrer que o ex-membro continue a ser chamado, visitado ou mesmo assediado por ex-colegas. Desde convites amistosos até os mais incisivos para retornar ao grupo, até ameaças por parte daqueles que tenham algo a temer com a sua ausência. Além do que não é raro, ser informado sobre as fofocas malignas que foram criadas a partir da sua ausência. Tudo isso adiciona e dificulta o processo de readaptação à nova vida.

O recomendável é não revisitar nem manter muitos contatos com colegas da seita, ao menos até sentir-se estruturado e firmado em bases sociais, materiais e psicológicas independentes daquele grupo.

### *Questões envolvidas na readaptação:*

A readaptação do ex-membro à vida fora da seita varia ao infinito, a depender de sua estrutura íntima, do seu convívio com o grupo e do novo contexto social onde se encontra. Dentre algumas questões pode-se citar (LEAVING, 1995...):

**Práticas:** dar atenção e cuidados com a saúde, física e psicológica, bem como à formação escolar. Ambos podem ter sido negligenciados durante o envolvimento sectário. Problemas físicos podem ter sido somatizados devido ao estresse acumulado, sendo útil informar o médico sobre esta carga de tensão para auxiliar o diagnóstico e tratamento de certos distúrbios físicos. Auxílio jurídico-legal também é indicado, no caso em que o ex-membro tema possíveis retaliações da seita, ou tenha alguma pendência contratual com esta, tenha realizado atos ilícitos sob pressão da mesma, queira indenização por danos morais ou materiais sofridos, ou queira lutar pela custódia ou guarda de filhos que permaneçam sob o cuidado do cônjuge sectário.

**Psicológico/emocional:** como já afirmado, é necessário um tempo para integrar a experiência prévia de ter sido discípulo de uma seita com a experiência presente de fazer parte do “mundo lá fora”. Neste momento o ex-membro não deve ter pressa sobre decisões de destino (por exemplo casar-se, mudar-se para um lugar distante e desconhecido, entrar de corpo e alma em outro grupo). Não é indicado “sumir” ou tentar “apagar” o passado, como se tudo fosse simplesmente recomeçar do zero. Ingressar na seita pode ter sido uma fuga. Fugir novamente pode ser apenas um novo paliativo. Talvez, hoje, você (ex-membro) queira simplesmente desaparecer, envergonhado ou revoltado, mas amanhã, conforme lida com esta experiência, será capaz de sentir-se confortável com o assunto, falar abertamente ou mesmo rir de si mesmo, e inclusive alertar outras pessoas sobre o problema.

**Cognitivo/mental:** a saída de uma seita é parte da cura, sendo a outra o entendimento pessoal sobre os fatores, vulnerabilidades e expectativas que o fizeram se envolver com ela. Leitura sobre o assunto e conversas com ex-membros podem auxiliar, tanto no sentido intelectual (compreender as manipulações e desinformações perpetradas pela seita) quanto emocional (perder o medo incutido sobre a vida fora da seita). Pode ser necessário aprender a retomar o controle do próprio estado mental, evitando gatilhos que o levem aos estados psicológicos dissociativos praticados pela seita. Técnicas simples que tiram o foco para outro canal sensorial podem ajudar (beliscar o dedo, ler em voz alta, fazer pequenos movimentos, espreguiçar-se, mudar o foco visual, solicitar que as pessoas lhe chamem se você “apagar” etc).

**Social/pessoal:** reconectar-se com familiares, amigos ou conhecidos que foram sendo deixados de lado durante o período sectário são as principais indicações, por fornecerem uma referência e suporte mais seguros e conhecidos do ex-membro. Compor novos laços sociais, profissionais, conjugais e comunitários também é importante, mas é preciso atenção e cautela, para não formar vínculos igualmente nocivos, substituindo uma dependência por outra. Após acostumar-se em acatar as vontades do líder, é hora de formar os seus próprios gostos e preferências, aprender a formar e dar opiniões. Vale a calma e a paciência, até sentir-se razoavelmente confortável consigo mesmo, antes de ingressar em relacionamentos mais definitivos. A mesma prudência deve ser observada ao tentar retomar o contato com membros da seita – amigos ou parentes que estão sob seu domínio. Este contato dificilmente

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

é benéfico enquanto o ex-membro não estiver recuperado e estruturado na nova vida.

**Filosófico/atitudinal:** diversificar o estudo para outras linhas filosóficas, religiosas, científicas, artísticas, políticas etc. É comum perceber que certas palavras têm significados variados fora da seita e que as frases prontas e jargões específicos desta não fazem sentido fora daquele contexto. É muito gratificante “respirar novos ares” filosóficos, ver o mundo de diferentes formas e, principalmente, pensar e dialogar dentro de esquemas diferentes, ao invés de encapsular tudo para dentro dos rótulos próprios e preconceituosos da doutrina sectária. Em contrapartida, não sendo mais um “salvador” do mundo, é importante reduzir o modo hipercrítico de ver e tratar as pessoas. Na seita, havia “padrões de qualidade” para tudo. No mundo real, as pessoas são adultas e livres para viverem da maneira como quiserem, não cabendo a você “salvá-las” ou “esclarecê-las”. Esteja disposto, também, a conhecer melhor os grupos que eram “demonizados” dentro da sua seita e, talvez perceber que os mesmos não são tão maus como se afirmava.

*A “desdoutinação” é outra etapa crítica da recuperação.*

Permeados pela visão de mundo sectária, muitos membros não têm noção mais elaborada sobre a profundidade da manipulação por que passavam, carregando ainda sentimentos ambivalentes com relação ao grupo, que podem levar anos para serem processados.



Muitos membros resolvem se afastar de grupos sectários por sentirem crescente desapontamento com os participantes. Superiores podem ter se revelado autoritários ou despreparados; colaboradores podem desapontar pela maneira subserviente de agir. Por outro lado, estes indivíduos ainda possuem admiração pela doutrina que aprenderam. Tanto que (ex)participantes de seitas frequentemente consideram que “as ideias são boas, mas o problema está nas pessoas.” Isto mostra o quanto a adesão e o desligamento da seita são, ambos, mais dependentes de características sociais e emocionais do que, propriamente, ideológicas e intelectuais.

“O problema” (de maneira simplificada) não está exatamente “nas ideias” ou “nas pessoas”, mas em uma dinâmica de relações sociais, as quais, *gradualmente também moldam as ideias e as pessoas*. Quando se comprometeu com as ideias básicas pregadas pela seita, tratavam-se de tópicos como “ajudar o próximo”, “conhecer a si mesmo”. Todavia, ao longo do percurso, o membro vai incorporando uma série de detalhes sobre como a “ajuda” ou “conhecimento” considerados legítimos são exclusividade da seita. Uma série de rótulos e preconceitos são formados sobre o “de fora” e particularidades são acrescentadas à doutrina para reforçar sua diferença e superioridade.

Assim, o ex-membro se depara com o problema de aquele corpo de conhecimentos, tão admirado dentro da seita, não gerar maior interesse fora dela. O membro poderia ser um “professor avançado” dentro do grupo mas, fora dele, sentir que seus conhecimentos não recebem qualquer valor. Este problema pode ser contornado através do estudo, atualização e reciclagem profissional; ou, do contrário, levá-lo para uma espécie

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

de ostracismo e “saúde” dos tempos da seita. Vítima da admiração que ainda alimenta pelas ideias aprendidas, o ex-membro também gostaria de se manifestar quanto aos abusos e manipulações que presenciou dentro da seita, mas se encontra no dilema entre fazer críticas *ao grupo* e apoiar *a ideologia*. Afinal de contas, aquele é o grupo militante das ideias que ele tanto quer ver semeadas. Em suma, continua evitando criticar ou denunciar o grupo do qual se desligou, numa tentativa de proteger a imagem da doutrina que admira, em uma espécie de *síndrome de Estocolmo*.

O estudo é um passo importante no trabalho de adaptação ao mundo fora do grupo sectário. Neste sentido, vale estudar sobre grupos manipuladores, conhecer fontes alternativas que tratem sobre ideias aproximadas à doutrina sectária, além de buscar assuntos completamente diversificados. Um dos divisores de água importantes na vida do ex-membro é descobrir que as ideias do grupo não eram tão boas, tão precisas, tão corretas, tão esclarecedoras quanto pareciam. Do contrário, o *corpus* doutrinário desenvolvido em seitas tende a ser fraco, mas suas incoerências e inconsistências passam despercebidas dentro de um grupo acostumado a acatar a ordem do seu mestre. A vaidade alimentada mutuamente entre mestre e discípulos os faz não questionarem as próprias ideias, intoxicando-se no ambiente saturado onde respiram, desatualizados, concebendo extravagâncias que soariam como insulto à inteligência de um estudante universitário, por exemplo. Mas este processo tende a gerar crises íntimas, onde o membro se culpa por ter perdido “os melhores anos de sua vida” dedicados a fábulas inconsistentes que não causam maior repercussão social.

*Quando sentir forças, o ex-membro pode querer falar.*

Muitos são os ex-membros que se aprofundam no estudo das seitas, formas de manipulação, maneiras de combatê-las e dar suporte a outros ex-membros. Isto não é fortuito, mas parte do processo de recuperação.

Logo de início, o que o ex-membro mais pode querer é silêncio. Seu estado de confusão íntima é grande. Há dissonância entre a admiração que mantinha pelo grupo, pelo líder, e a ruína em que percebe sua vida como consequência do envolvimento sectário. Não é do dia para a noite que será capaz de reprovar aqueles que admirou por longo tempo. Sentimentos de perda, vergonha, culpa, e esperanças de retorno podem fazer parte deste complicado caldeirão emocional.

Com o tempo, começa a assimilar a nova realidade. Os amigos que se diziam “eternos” e “verdadeiros” se foram; após dar tudo para o grupo, sai-se sem nada. De mais a mais, qualquer ação por parte da seita visa a estigmatização do ex-membro ou seu retorno de modo submisso e passivo. O ex-membro se sente traído, vítima de ingratidão e preconceito, e desenvolve raiva com relação ao grupo.

A raiva é um dos 6 sentimentos básicos do ser humano, a qual, junto com o medo, tende a ser socialmente reprimida. Isto ocorre pois estes sentimentos podem fazer o sujeito se voltar contra o objeto que lhe aflige. Aqueles que abusam do poder tendem a conquistar maior domínio social, mas acabam sendo alvos da raiva e medo dos oprimidos. Lhes convém que estes sentimentos sejam abafados, ruminados, não expressados.

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

Mas a raiva pode ser empregada construtivamente (ver, por exemplo, o livro *Agressividade Criativa*, de G. Bach e H. Goldberg), pois é um recurso motivacional importante de autoafirmação. O ex-membro não deve ter vergonha da raiva que sente pela seita que o enganou. E uma das formas mais diretas de canalizar esta raiva é através da fala, que inicia na intimidade, com uma ou outra pessoa de confiança, podendo se tornar pública, conforme perde (ou processa) os medos associados a possíveis represálias da seita.

A “negociação” é uma das etapas clássicas e posteriores ao choque e à revolta, em um evento traumático. Esta negociação significa uma nova perspectiva de contato com a experiência, a testagem de limites, onde o ex-membro vai conseguindo dar novos sentidos ao que vivenciou, saindo da postura passiva e reclusa para uma postura proativa.

O ex-membro pode perceber que a maioria das pessoas não tem grande interesse na experiência. Não gostamos de escutar as histórias das vítimas, das mulheres que sofreram violência doméstica, dos jovens soldados sobreviventes das guerras, das garotas exploradas no comércio sexual, dos trabalhadores semiescravos, dos ex-presidiários, ou mesmo do preconceito racial ou social (quando foi a última vez que você leu algo escrito por um “perdedor”?).

A não ser que nos consideremos também vítimas – ao menos potencialmente – do mesmo problema, nossas defesas psicológicas fazem com que esperemos que estas pessoas “virem a página”, “esqueçam”, “sigam em frente” (o que não passa de racionalização, pois não fazemos nada por elas, bastando que se calem sobre o assunto para termos a impressão de que tudo voltou ao normal). As tragédias que preenchem os

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

noticiários, diariamente, causam clamor popular e viram focos de nossos comentários apenas momentaneamente, para entrarem no esquecimento logo em seguida. Para preservarmos nosso equilíbrio, preferimos nos envolver o mínimo possível com questões traumáticas dos outros, se não nos identificarmos com elas.

Pode ser embaraçoso perceber que a comunidade externa não dá qualquer valor ao trabalho da seita, ou mesmo a critica e despreza. Por mais que o ex-membro deteste a seita, ele se recorda do esforço que dedicou naquele período, esforço que não era dirigido somente à seita, mas a “salvar” a Humanidade. Estes esforços envolveram tempo, energia psíquica, recursos financeiros, e agora parecem não terem qualquer importância para ninguém. O ex-membro pode escutar, até de pessoas queridas, que estava sendo egoísta e isolacionista esse tempo todo. Para evitar novos sentimentos de desperdício e ingratidão, o ex-membro pode preferir não mais se dedicar incondicionalmente a outras causas assistenciais.

Consequentemente, como em outras minorias exploradas, ex-membros de seitas acabam procurando, em outros ex-membros, ouvidos que se interessem por suas histórias. Através da fala o indivíduo poderá expor a situação a outros e testar o seu domínio psicológico sobre a situação.

A fala não deve ser encorajada nem desencorajada, pois cabe ao ex-membro sentir ou não, decidir ou não, o que deve fazer. Sentir-se livre e seguro para retomar as rédeas da própria vontade é parte importante da recuperação do ex-sectário. Saber que a aliança com a pessoa próxima, amiga ou terapeuta, se mantém, seja no silêncio ou na conversa, é importante para dar uma segurança ao ex-membro, a

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

qual não existia no convívio com a seita - onde as mínimas posturas tinham que ser pensadas em função da aceitação ou rejeição do grupo.

*O Poder Público e a sociedade organizada precisam estar alertas.*

Como você percebe, muitas críticas podem ser feitas às seitas. Mas elas também são alvo de perseguições injustas e sensacionalistas. Pois o que não falta, na atualidade, são oportunistas ávidos por fazer demagogia, por exemplo na imprensa e nos órgãos judiciários. Muitos desses “justiceiros” conseguem ser piores do que as seitas que eles criticam. Transformam um trabalho que precisa ser civilizado num vale-tudo bárbaro. Instauram uma inquisição moral sobre as seitas e, se pudessem, fariam até fogueiras.

Não podemos esquecer que, há poucos séculos, a Igreja Católica procurava demonizar as “seitas protestantes” e “seitas judaicas”. Por mais problemas de sectarismo que existissem nessas comunidades religiosas, ainda mais na Idade Média, elas não chegavam aos pés das crueldades cometidas pela própria Igreja Católica.

Colocar-se do lado do agressor mais forte numa luta contra o agressor mais fraco não é uma opção sábia na construção de uma sociedade mais justa. É apenas uma luta ilusória.

Esse problema não foi abolido atualmente. As classes que dominam o poder repressivo no Estado e fora dele, por exemplo, na grande imprensa, frequentemente atacam uma seita aqui e acolá, para fazer demagogia, para mobilizar a opinião pública a favor de leis repressivas, para reprimir uma

## *Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

organização que cresce e começa a ganhar força, para acabar com uma seita concorrente menor e favorecer a seita maior na qual eles têm influência.

Isso faz com que o poder público (ou seja, as facções da classe dominante que controlam o Estado) tenham especial interesse nas seitas. É por isso que muitas delas são estimuladas e protegidas, têm esquemas e imunidades com juízes e parlamentares, facilidades na concessão de canais de rádio e televisão etc. Grandes seitas também são “colégios eleitorais”. A posição política indicada pelo líder pode motivar alianças ou perseguições, a favor e contra esta ou aquela seita.

Eventualmente, alguma órgão da grande imprensa mostra um escândalo aqui e ali, promove algum delegado de polícia ou promotor público, e faz sua demagogia sobre estar preocupado com defesa de direitos humanos, mas o fato é que estas campanhas são feitas simplesmente quando lhes interessa desmanchar determinado grupo.

No Brasil, por exemplo, desmanchar grupos espíritas ou da "Nova Era" é uma estratégia para fazer com que o grande público tenha menos opções e acabe recorrendo às grandes igrejas cristãs, que têm melhor conexão com as classes dominantes. Em países europeus, a proibição de religiões como as Testemunhas de Jeová ou grupos islâmicos também leva a população a recorrer às poucas opções dentro do Cristianismo. Vamos fingir que não existe abuso, manipulação, exploração dentro dessas igrejas tradicionais, certo?

Nos EUA, toda uma demagogia e espetacularização foi feita em torno da dissolução da "seita do Osho", que estava incomodando o poder político e religioso no interior provinciano do Oregon,

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

mas um grupo extremamente destrutivo permanece intacto - a Cientologia - graças aos esquemas que têm com as autoridades e atores famosos. Se a Cientologia sofre alguma ameaça, é graças à organização de denúncias por parte dos seus ex-membros. Se depender do poder público, ela continuará funcionando como um sistema de recrutamento de trabalho escravo para sempre.

A política de "fechar seitas" é tão ineficiente como a postura de fechar empresas irregulares. Os mais prejudicados acabam sendo os próprios trabalhadores dessas empresas, que ficam sem uma opção. O correto é retirar os responsáveis pelas irregularidades dessas posições, corrigir as irregularidades e colocar a instituição sob um controle democrático. É claro que isso não é, e jamais será, uma iniciativa que virá "de cima". Ela só pode vir de baixo.

Só os escravos podem se libertar da sua escravidão. Muitos dirão que isso não irá funcionar. Mas esperar que os escravizadores os libertem também é tão ilusório quanto permanecer esperando que o Messias baixe dos céus e nos salve. Se a tarefa de construir uma sociedade justa fosse fácil, esta sociedade já existiria. A realidade é dura mas é esta. Infelizmente.

É apenas com a organização e fortalecimento das maiorias mais vulneráveis da sociedade que estas próprias maiorias conseguirão colocar um freio na exploração promovida pelas minorias mais poderosas.



## **EX-MEMBROS COM A PALAVRA**

Abaixo, cito trabalhos em Língua Portuguesa (brasileiros ou estrangeiros) de ex-membros que decidiram expor suas experiências nas comunidades das quais participaram. Escolhi canais e publicações cujo conteúdo apresentado é muito semelhantes à vivência em grupos sectários.

Esta lista foi elaborada durante a primeira edição deste livro, em 2015. Muitos grupos virtuais surgiram e outros se desativaram desde então. Caso conheça alguma outra comunidade que discuta vivências de ex-membros em grupos manipuladores, com artigos em Língua Portuguesa, favor entrar em contato através do e-mail a seguir. Terei o maior prazer em adicioná-la nas próximas revisões deste livro.

Esta lista não pretende ser um “diagnóstico” de que tais grupos são manipuladores ou sectários. Conforme expus ao longo da obra, seria irresponsável, da minha parte, aplicar tal juízo de valor antes de conhecer razoavelmente cada caso, ter contato com outros membros, ex-membros e representantes. Uma tarefa destas extrapolaria minhas próprias capacidades para o momento, demandaria domínio de metodologia de pesquisa apropriada e continuaria sendo um trabalho parcial, pois enquanto alegadas “seitas” recebem visibilidade do público, inúmeras permanecem desconhecidas, sem serem, por isso, menos destrutivas.

Em futuras edições comprometo-me a publicar respostas e informações de contato dos grupos aqui citados, que assim desejarem, bastando, para isso, que solicitem direito de resposta a este autor.

Aproveito para indicar, ainda, meu próprio canal de vídeos no Youtube: “[Seitas e Grupos Disfuncionais](#)”,

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

onde atualizo constantemente informações sobre este assunto.

Livros e artigos:

- *Crise de Consciência*, de Raymond Franz, traduzido por William do Vale Gadelha (Commentary Press, 2008).

- *Memórias Sexuais no Opus Dei*, de Antonio Carlos Brolezzi (Panda Books, 2006).

- *Nos Bastidores do Reino: a vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus*, de Mário Justino (Geração, 1995).

- *O Opus Dei e as Mulheres*, organizado por Viviane Lovatti Ferreira (Panda Books, 2006).

- *Opus Dei: a falsa obra de Deus*, de Betty Silberstein (edição da autora, 2005).

- *Opus Dei: os bastidores*, de Dario F. Ferreira, Jean Lauand e Marcio F. da Silva (Versus, 2005).

- *Psicopatas da Fé: manipuladores do evangelho*, de Marisa Lobo (Fôlego, 2012).

- *Seita do Swásthya Yoga Mestre DeRose*, de autor anônimo (e-book, 2007).

- *Sob o Jugo do Opus Dei*, organizado por Betty Silberstein (edição da autora, 2007).

**ABRAVIPRE - Associação Brasileira de Apoio às Vítimas de Preconceito Religioso:** entidade fundada na cidade de Fortaleza (CE) por ex-membro das Testemunhas de Jeová, que se dedica especialmente a denunciar e buscar respaldo político e legal contra o preconceito cometido por grupos contra seus ex-membros ([www.abravipre.org](http://www.abravipre.org)).

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

**A Farsa do Swasthya:** blog anônimo de praticante de Yoga, ex-participante da Uni-Yôga e Rede Mestre DeRose ([foraderose.blogspot.com.br](http://foraderose.blogspot.com.br)).

**A Obra Revelada da ICM Maranata:** blog com notícias críticas e sobre a Igreja Cristã Maranata ([obramaranatarevelada.wordpress.com](http://obramaranatarevelada.wordpress.com)).

**A Questão de Sangue e as Testemunhas de Jeová:** blog com notícias e artigos sobre as Testemunhas de Jeová ao redor do mundo ([questadodosangue.blogspot.pt](http://questadodosangue.blogspot.pt)).

**Blog do Martinho:** blog bastante ativo de ex-membros da Igreja Apostólica, criado em 2011 ([blogdomartinho.wordpress.com](http://blogdomartinho.wordpress.com)).

**Bora Falar:** canal virtual de Wilma Gonçalves, ex-membro da Assembleia de Deus, com depoimentos e reflexões sobre sua vivência nesta igreja em vídeo ([www.youtube.com/BoraFalar](http://www.youtube.com/BoraFalar)) e texto ([wilmagoncalves.blogspot.com.br](http://wilmagoncalves.blogspot.com.br)).

**Cientologia (Cientonética):** blog anônimo dedicado à divulgação de notícias sobre a Igreja Cientologia Internacional ([cientonetica.wordpress.com](http://cientonetica.wordpress.com)).

**Diego Ribeiro:** canal virtual de Diego Ribeiro, ex-membro da Igreja Universal do Reino de Deus, com denúncias sobre os bastidores do trabalho desta igreja para levantamento de recursos dos fieis, entre outros ([www.youtube.com/restauretionn](http://www.youtube.com/restauretionn)).

**Eu NÃO sou a Universal...:** Blog de ex-membros da Igreja Universal do Reino de Deus, com

depoimentos e denúncias ([eeunaosouauniversal.blogspot.com.br](http://eeunaosouauniversal.blogspot.com.br)), também na fanpage ([www.facebook.com/eufuiauniversalsqs](http://www.facebook.com/eufuiauniversalsqs)).

**Ex-maranata:** blog de Antonio Marques, ex-membro da igreja Cristã Maranata ([exmaranata.tumblr.com](http://exmaranata.tumblr.com)).

**Ex Testemunhas de Jeová:** fórum de discussão virtual, administrado por ex-Testemunhas de Jeová, com disponibilização de documentos, depoimentos, textos críticos entre outros ([extestemunhasdejeova.net](http://extestemunhasdejeova.net) com links para [extestemunhasdejeova.blogspot.com.br](http://extestemunhasdejeova.blogspot.com.br) e [www.youtube.com/EXTESTEMUNHAS1](http://www.youtube.com/EXTESTEMUNHAS1)).

**Ex-Testemunhas de Jeová:** fórum virtual de ex-Testemunhas de Jeová em Portugal ([testemunhasdejeova.forumeiros.com.pt](http://testemunhasdejeova.forumeiros.com.pt)).

**igrejaadvirtual:** canal de ex-pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sem atualizações ([www.youtube.com/channel/UC0Wm16Ap85evTk7JzH8-Wug](http://www.youtube.com/channel/UC0Wm16Ap85evTk7JzH8-Wug)).

**La Gnosis Desvelada:** fórum de discussão virtual administrado por ex-membros da Gnose e suas diversas instituições. A página é espanhola mas possui seção em português com relatos e alertas sobre o movimento gnóstico no Brasil ([lagnosisdesvelada.com](http://lagnosisdesvelada.com)).

**Mahikari Revelada:** *website* internacional traduzido para a Língua Portuguesa, com participação de brasileiros, relatando suas vivências na Sukyo Mahikari ([www.mahikariexposed.com](http://www.mahikariexposed.com)).

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

**Opus Info:** *website* internacional em formato colaborativo (Wiki), com seção em português, contendo artigos sobre o Opus Dei e relatos de seus ex-membros, anônimos ou identificados ([www.opus-info.org/](http://www.opus-info.org/)).

**O que penso da Conscienciologia:** embora eu seja suspeito para falar, pois este grupo foi aberto por mim, ele contém opiniões de ex-participantes e do público em geral sobre a Conscienciologia, da qual participei ([www.facebook.com/conscienciologia livre](http://www.facebook.com/conscienciologia livre)). Posteriormente, publiquei um livro com o mesmo nome ([www.amazon.com.br/dp/B00ZJ0UB9W](http://www.amazon.com.br/dp/B00ZJ0UB9W)).

**Reginaldo Nogueira:** página pública pessoal de Reginaldo Nogueira, com denúncias e relatos sobre seu desligamento da Igreja Cristã Maranata ([www.facebook.com/reginaldo.nogueira.94](http://www.facebook.com/reginaldo.nogueira.94)).

**Testemunhos de retirantes da maranata:** blog com relatos de ex-membros da Igreja Cristã Maranata ([testemunhosderetirantes.wordpress.com](http://testemunhosderetirantes.wordpress.com)).

Observação

Além das referências mencionadas acima, recomendo a consulta a 2 portais informativos internacionais, em línguas estrangeiras, entre dezenas de boas opções:

Red Iberoamericana de Estudio de las Sectas ([info-ries.blogspot.com.br](http://info-ries.blogspot.com.br)), em espanhol, e International Cultic Studies Association ([www.icsahome.com](http://www.icsahome.com)), em inglês, a qual mantém uma revista informativa e periódico acadêmico especializado.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMENDROS, Carmen et al. Los motivos de vinculación a sectas coercitivas. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.43-60, 2009.

ALMENDROS, Carmen et al. Psychometric properties of the Spanish version of the Group Psychological Abuse Scale. **Cultic Studies Review**, [S. l.], v. 2, n. 3, p.1-21, 2003.

ASCH, Solomon E.. Studies of independence and conformity: i. a minority of one against a unanimous majority. **Psychological Monographs: General and Applied**, [S. l.], v. 70, n. 9, p.1-70.

ASLETT, Michelle. Monster or Messiah?: tortured werewolf and forgiving flock. In: NELSON, Elizabeth; BURCAR, Jillian; PRIEST, Hannah. **Creating humanity, discovering monstrosity: myths & metaphors of enduring evil**. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2010. p. 151-161.

BAAMONDE, Jose María. **Sectas en preguntas y respuestas**. 2da. ed. Buenos Aires: Bonum, 1992. 108 p.

BOLAND, Kim; LINDBLOOM, Gordon. Psychotherapy cults: an ethical analysis. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 9, n. 2, p.137-162, 1992.

CHAMBERS, William V. et al. The Group Psychological Abuse scale: a measure of the varieties of

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

cultic abuse. **Cultic Studies Journal**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.88-117, 1994.

COLOMA, Aurelia Maria Romero. Libertad religiosa del progenitor frente al beneficio del hijo menor. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.173-183, 2009.

ESPARCIA, Adolfo Jarne; MARIN, Mila Arch; MOORE, Álvaro Aliaga. Sectas y Psicopatología. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.61-71, 2009.

GALANTI, Geri-Ann. Brainwashing and the Moonies. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 1, n. 1, p.27-36, 1984. Disponível em: <<http://www.icsahome.com/articles/brainwashing-and-the-moonies-galanti-csj-1-1-1984>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

HALPERIN, David A.. A psychoanalytic perspective on cults and occultism. **Cultic Studies Journal**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.190-205, 1992.

HERMAN, Judith Lewis. Complex PTSD: a syndrome in survivors of prolonged and repeated trauma. **Journal of Traumatic Stress**, [S. l.], v. 3, n. 3, p.377-391, 1992a.

HERMAN, Judith Lewis. **Trauma and recovery: the aftermath of violence - from domestic abuse to political terror**. New York: Basic Books, 1992.



*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

ISSER, Natalie; SCHWARTZ, Lita Linzer. Charismatic leadership: a case in point. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 3, n. 1, p.43-57, 1986.

KENT, Stephen A.; SZIMHART, Joseph P.. Exit counseling and the decline of deprogramming. **Cultic Studies Review**, [s.l.], v. 1, n. 3, p.241-291, 2002.

LALICH, Janja; TOBIAS, Madeleine. **Take back your life:** recovering from cults and abusive relationships. 2. ed. Berkley, CA: Bay Tree, 2006. 372 p.

LANGONE, Michael D.. Deprogramming: an analysis of parental questionnaires. **Cultic Studies Journal**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.63-78, 1984.

LANGONE, Michael D.. Psychological abuse. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 9, n. 2, p.206-218, 1992.

LEAVING a Cult. [s. L.]: Lexon/Dr. Margaret T Singer Phd, 1995. (54 min.), P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UO0vPYd9Txw>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

LIFTON, Robert Jay. **Thought reform and the psychology of totalism:** a study of 'brainwashing' in China. Chapel Hill: University of North Carolina, 1989.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. **Tempo Social**, Brasil, v. 17, n. 2, p. 253-273, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12478/14255>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

MARTIN, Paul R. et al. Post-cult symptoms as measured by the MCMI before and after residential treatment. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 9, n. 2, p.219-250, 1992.

MARTINS, André. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. **Cad. Psicanál.-CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 22, p. 37-53, 2009. Disponível em <[www.cprj.com.br/imagenscadernos/04.Uma\\_violencia\\_silenciosa.pdf](http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/04.Uma_violencia_silenciosa.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2015.

OFSHE, Richard. The rabbi and the sex cult: power expansion in the formation of a cult. **Cultic Studies Journal**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.173-189, 1994.

RENDERS, Helmut. O uso dos conceitos "seita" e "sectário" no Dicionário Aurélio: uma investigação sobre sua tendência confessional. **Ciências da Religião: História e Sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.74-92, 2011. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/articloe/view/3164/2950>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

RODRÍGUEZ, Pepe. Sectadependencia: la afiliación a una secta como conducta adictiva. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.73-89, 2009a.

RODRÍGUEZ, Pepe. Socialización de los hijos en contextos familiares sectarios. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.5-28, 2009b.

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

RODRÍGUEZ, Pepe; ODRIOZOLA, Begoña. Aproximación psicoterapéutica a las familias con miembros afiliados a sectas. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.111-140, 2009.

RODRÍGUEZ-CARBALLEIRA, Álvaro; ALMENDROS, Carmen. La vinculación a sectas coercitivas y la perspectiva familiar. **Revista de Psicoterapia: Sectas y Familia**, Barcelona, v. 78/79, n. 20, p.29-42, 2009.

RUDIN, Marcia. Women, elderly, and children in religious cults. **Cultic Studies Journal**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.8-26, 1984.

SECRETARIADO PARA LA UNIDAD DE LOS CRISTIANOS. **Sectas o nuevos movimientos religiosos**: un desafío pastoral. [S. l.]: L'osservatore Romano, 1986. 20 p. Disponível em: <<http://www.mopal.org/es/form/SNMR/SNMR.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

SILLETTA, Alfredo. Cults in Latin America. **Cultic Studies Journal**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.66-76, 1994.

SINGER, Margaret Thaler; ADDIS, Marsha Emmer. Cults, Coercion, and Contumely. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 9, n. 2, p.163-189, 1992.

THE AMERICAN FAMILY FOUNDATION. Cultism: a conference for scholars and policy makers. **Cultic Studies Journal**, [S. l.], v. 3, n. 1, p.85-96, 1986. Versão eletrônica. Disponível em:

*Seitas e grupos manipuladores*, por Flávio Amaral

<<http://www.icsahome.com/articles/cultism--a-conference-for-scholars-policy-makers-csj-3-1>>. Acesso em: 06 dez. 2014.

THOROUGHGOOD, Christian N. et al. The susceptible circle: a taxonomy of followers associated with destructive leadership. **The Leadership Quarterly**, [S. l.], p.1-21, 2012. No prelo. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/1238010/The\\_Susceptible\\_Circle\\_A\\_Taxonomy\\_of\\_Followers\\_Associated\\_with\\_Destructive\\_Leadership](https://www.academia.edu/1238010/The_Susceptible_Circle_A_Taxonomy_of_Followers_Associated_with_Destructive_Leadership)>. Acesso em: 29 dez. 2014.

YEAKLEY JR., Flavil R. et al (Ed.). **The discipling dilemma**. 2. ed. Nashville: Gospel Advocate Company, 1988. Disponível em: <<http://www.somis.org/TDD-01.html>>. Acesso em: 27 nov. 2014.